



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DR. JOÃO MORAIS DE SOUSA

MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

**RECIFE
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

JOÃO MORAIS DE SOUSA

MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Memorial Descritivo apresentado ao processo de Promoção de Professor Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

**RECIFE
2023**

MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Memorial Descritivo apresentado ao processo de Promoção de Professor Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

BANCA EXAMINADORA

Titulares

Carlos Antonio Alves Pontes (Presidente)
Examinador interno (Professor da UFRPE)

Paulo Donizéti Siepierski
Examinador Externo (Professor da UNILAB)

Dulce Maria Filgueira de Almeida
Examinadora Externa (Professora da UNB)

Márcio de Matos Caniello
Examinador Externo (Professor da UFCG)

Suplentes

João Gilberto de Farias Silva
Examinador Interno (Professor UFRPE)

Luciana Rosa Marques
Examinadora Externa (Professora da UFPE)

SUMÁRIO

1	TANTAS CONTRIBUIÇÕES NA MINHA TRAJETÓRIA	04
2	NASCIMENTO E PARTIDA PARA SÃO PAULO.....	06
3	INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	11
4	DESVELAR DAS LIMITAÇÕES DAS CONDIÇÕES DE VIDA.....	14
4.1	O DESPERTAR DA REALIDADE SOCIAL	16
5	SECAS, FRENTE DE EMERGÊNCIA E O PODER LOCAL.....	20
6	AS CHUVAS.....	26
6.1	ESPERANÇA E SECA.....	27
7	DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	30
8	INFLUÊNCIAS NA MINHA FORMAÇÃO.....	33
9	ENTRADA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA.....	39
10	VISÃO DE UNIVERSIDADE.....	46
11	CARTA E POESIA A PAULO FREIRE.....	52
12	CONCLUSÃO.....	55
	REFERÊNCIAS.....	57
	APÊNDICE A - SÍNTESE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	61

1 TANTAS CONTRIBUIÇÕES NA MINHA TRAJETÓRIA

Minha trajetória de vida é prova de que sua (in)significância não teria sentido se não fosse o apoio e a contribuição de muitas pessoas e instituições. Os fatos apontam isso. Para a perspectiva produtivista e neoliberal, as ajudas e contribuições devem ser invisibilizadas, escondidas e negadas para que o “êxito e/ou fracasso” da caminhada fiquem restritos tão somente aos “esforços e genialidades” individuais, atribuídos aos auspícios da propalada meritocracia. Essa visão é muito presente nas narrativas do mercado e nas burocracias das universidades públicas que escondem as desigualdades de partida, as construções coletivas e as solidariedades ofertadas em processos como os de promoção/progressão funcional. Nos parágrafos seguintes elenco alguns esclarecimentos.

Primeiro é que este memorial é despretensioso e busca atender somente as exigências da segunda fase da progressão acadêmica para professor titular. Além disso, tem afetos e poesia - aqui entendida como tudo aquilo que toca a “alma”, mexe com o “espírito” e vai além da perspectiva do gênero literário, poema. Acredito que a poesia diz coisas importantes, duras e complexas de uma forma leve e terna. Também pode ajudar a construir e a partilhar o conhecimento acadêmico.

Segundo, de forma aligeirada, descontínua e com lapsos de esquecimentos (isso talvez me salve de embaraços maiores) fui construindo esse memorial visando encontrar sentidos e significados nesse meu caminhar. De início, valho-me do genial poeta Mário Quintana (2006), para dizer “que agora é tarde demais para ser reprovado...” na linda e esperançosa profissão que escolhi para caminhar, a de professor/educador. Seu poema intitulado, “Seiscentos e sessenta e seis”, referente ao tempo, é contundente e revelador:

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

Terceiro, foram muitas as pessoas que contribuíram para minha formação e caminhada profissional até aqui, torna-se impossível lembrá-las e citá-las. De um

lado, a culpa é da inteligência que é fraca. De outro, há um alívio porque uma das grandezas delas está no fato de não fazerem questão de serem lembradas. Muitas são contra a visão da sociedade do espetáculo e do consumo - das relações frágeis, “líquidas” e descartáveis - que instigam e cobram protagonismos, inclusive, pelas redes sociais e aplicativos, despertando nas pessoas a ansiedade por plateias e o desejo de serem vistas, visualizadas, curtidas e comentadas.

Quarto, enquanto servidor público concursado da UFRPE tudo que tenho desenvolvido e realizado até hoje não merecem destaques e aplausos. Pois são obrigações e atribuições para serem desenvolvidas (da melhor maneira possível) enquanto professor, educador e pesquisador pago com o dinheiro público. O mesmo também se aplica para as funções de gestão que tenho desempenhado na UFRPE e fora dela.

Por fim, esclareço também que sempre primei na minha caminhada exercer minha profissão com pertencimento, esperança e alegria. E de que as minhas condições objetivas de vida e/ou limitações de toda ordem nunca foram impeditivas para eu deixar de sonhar e esperar por realizações impossíveis.

2 NASCIMENTO E PARTIDA PARA SÃO PAULO

Feitas as considerações acima, inicio este memorial contando um pouco da minha caminhada de vida tão comum e invisibilizada como as de milhares de outras pessoas brasileiras, nordestinas, oriundas das camadas populares e interioranas do país. Sem feitos importantes, prestígios, destaques, obras conceituadas e com enormes dificuldades de ascensão socioeconômica.

Seria difícil compreender essa caminhada sem uma volta às minhas origens. Nasci menino pobre no alto sertão paraibano, no pé de uma serra, sítio Cajazeiras, município de São José de Espinharas/PB, em uma casa de taipa construída pelos meus pais. Madrugada chuvosa de 23 de fevereiro de 1969.

Alvissareiro prenúncio de um bom inverno. Importante destacar que já nasci devendo favores. Meu pai trabalhava distante de casa umas três léguas e vinha uma vez por semana. Não havia transporte e ele fazia o percurso a pé. Quando eu inventei de nascer, sobrou para o meu tio Lamir, tio por consideração, casado com a irmã do meu pai, tia Raimunda. Foi ele que foi buscar a parteira, a viúva Mãe Toinha, pegadora de meninos da região.

Chovia muito e meu Tio Lamir argumentava com minha mãe para ir buscá-la somente quando o dia amanhecesse. Eu queria nascer logo e não teve acordo. O jeito foi sair na chuva. Até hoje ele conta a mesma história reforçando o grande favor que fez para que eu pudesse nascer. Coloca tantos detalhes, exaltando os empecilhos e perigos enfrentados que eu sempre me senti em dívida e lhe sou muito grato.

Na volta, o riacho próximo à casa estava com correnteza e eles tiveram que esperar o volume d'água diminuir para atravessarem. No sertão, a chuva sempre traz esperança de dias melhores. Nasci e tomei meu primeiro banho em uma bacia grande de zinco. Foi um banho com cinco alianças lançadas na bacia - as duas da viúva Mãe Toinha, a da minha mãe, a de tia Raimunda e a de tio Lamir. Era um preceito; um costume da parteira. Segundo minha mãe, o sinal que apareceu na água foi "esplendoroso": Mãe Toinha falou que quando eu crescesse seria uma pessoa muito importante, respeitada, rica e teria muito dinheiro. Até hoje o preceito não se revelou, apesar da minha esperança e fé.

Sou o terceiro filho de uma família de seis mulheres e quatro homens. Aos quatros anos vivenciei uma das tragédias do povo nordestino: fugir do

sertão, expulso pela seca. Fomos para São Paulo na condição de retirantes. Partimos na esperança de melhores condições de vida e de trabalho que teimaram em não vir.

Importante lembrar que as causas das secas estão mais ligadas às desigualdades socioeconômicas e políticas da região do que aos fenômenos climáticos / naturais. Ainda hoje, são nas estiagens em que a vulnerabilidade socioeconômica se agrava no sertão nordestino com a falta d'água, de trabalho e de fornecimento de mantimentos, fazendo aumentar a fome e a pobreza.

Assim, o contexto piora com a perda de plantações, de sementes e do pequeno patrimônio de muitos moradores, incluindo pequenas propriedades e poucas cabeças de gado. As estiagens favorecem o processo migratório e evidenciam a ausência de políticas públicas que amparem as vítimas. Tudo isso compromete as esperanças e a sobrevivência do agricultor sertanejo em seu torrão natal.

Assim, fomos no início dos anos de 1970 para a cidade de São Paulo de Pau-de-arara - meio de transporte adaptado, geralmente a partir de caminhões menores para a condução de passageiros de forma irregular. Meu pai foi trabalhar na construção civil e para complementar a pouca renda, trabalhou de vigia. O ritmo de trabalho, a distância - tomava muitos ônibus todos os dias -, a cobrança, o estresse, o cansaço, o sono acumulado sugava meu pai dia e noite. Depois de dois anos, o corpo e a mente já não tinham as mesmas vitalidades, destrezas e concentração.

Num descuido provocado por esse processo de estafa, meu pai sofreu um acidente no trabalho. Perdeu o dedo anelar esquerdo. Foi o alerta traumático para o sertanejo que nunca deixou de sonhar com a volta para o seu torrão. E começou a se movimentar para deixar a cidade grande.

Importante destacar que meu pai tão logo chegou a São Paulo percebeu o quanto a “cidade grande” deixava de ser o lugar dos sonhos e das esperanças de que tanto falavam para se transformar aos poucos em um lugar de dominação, exploração e de “moer” gente. E aqui lembro trecho da belíssima música, “Sampa”, composição de Caetano Veloso (2008):

(..) Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho

E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes quando não somos mutantes
 E foste um difícil começo Afasto o que não conheço
 E quem vende outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
 [negritos meus]

E ele tomou a decisão que imaginava tomar nos momentos de saudades. Retornaria ao seu torrão. Minha mãe estava indecisa e grávida de cinco meses do sexto filho, mas concordou. Assim, fizemos o caminho da volta. O que representou a esperança de nós estudarmos. Lá em São Paulo, a realidade era mais difícil. Éramos cinco crianças pequenas, a mais velha com apenas 10 anos. Voltamos de ônibus. Uma volta esperançosa feita em três dias. Diferente da ida que demorou uma semana.

É importante lembrar que nossa estadia em São Paulo também foi acolhida por parentes e amigos encontrados e também feitos lá. Todos da mesma origem social e vivenciando as precárias condições de vida e de trabalho. A maior parte dessas pessoas era solidária e acolhia umas às outras, mesmo enfrentando dificuldades de toda ordem. O pouco era repartido.

O sentimento de pertencimento ao torrão também as unia em torno das suas lembranças e identidades. Meu pai ainda hoje lembra que foi em São Paulo que passou a gostar mais do sertão. Essa realidade se consubstanciava nesses encontros de conterrâneos. A distância era aproximada pela memória e pela saudade que caminhavam com eles todos os dias.

Desta maneira, esse sentimento de pertencimento era alimentado nas conversas e encontros com parentes e amigos que pensavam em voltar ao sertão se as condições de trabalho e renda melhorassem. Mas as notícias que chegavam eram de que essas condições pioravam, tolhendo os sonhos da volta. Não havia estímulo e políticas públicas e/ou governamentais que assegurassem às pessoas no campo. E muita gente deixou o campo para tentar a vida na cidade grande. Até hoje as precárias condições de vida e trabalho provocam o êxodo rural e matam os sonhos de um futuro melhor para o sertanejo.

Este drama dos nordestinos (como a fome, o êxodo rural e as secas) é muito abordado em obras acadêmicas e da literatura brasileira. Logo cedo passei a experimentar e a sentir as dificuldades e as “dores” na vivência, que só mais tarde pude compreender seus sentidos e significados, despertados pelo acesso à leitura em obras como “Vidas secas” de Graciliano Ramos (2019), “O quinze” de Rachel de Queiroz (2004), “Bagaceira” de José Américo de Almeida (1991), “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto (2007) e “Homens e caranguejos” de Josué de Castro (2010).

Passei a compreender e a me reconhecer nos dramas dos personagens desses romances. Como nos alertou o genial poeta Patativa do Assaré (2002), “pois nessa penosa vida, só quem provou da comida sabe o gosto que ela tem”. Patativa do Assaré (2002) aborda esse tema em vários dos seus poemas como a “Triste partida”, o “Brasil de cima e Brasil de baixo”, e “A morte de Nanã”. Ele com uma linguagem simples, uma poética segura, uma visão crítica cortante desnudou essa realidade do povo sertanejo com seus cantos de lamentos.

A sua visão de mundo e poesia me marcaram e me influenciaram nos estudos sobre a compreensão dessa realidade socioeconômica e política do sertão nordestino.

A Triste Partida de Patativa do Assaré (2002) – popularizada na voz de Luiz Gonzaga no início dos anos de 1960 – é um canto de lamento que denuncia as precárias condições de vida do sertanejo que mesmo resistindo bravamente para ficar no seu torrão, inclusive, se apegando a fé, vai perdendo a esperança com o agravamento da seca e da exploração.

Oprimido pela estrutura fundiária de poder que não permite acolhimento e nem políticas públicas satisfatórias para lhe assegurar no campo (e com o prolongamento da estiagem), o sertanejo sente-se impotente de continuar no seu pertencido torrão. Os olhares do poder público são mais para os grandes proprietários de terra e/ou os detentores do poder local.

Para os pequenos sitiante e moradores rurais nos momentos de estiagens e secas sempre existiram poucas saídas. A mais atrativa era partir para o “sul” na busca de melhores dias. E foi nesse contexto de dificuldades que a minha família partiu como retirante para São Paulo, na esperança de um futuro melhor. A letra do poema canção, “Triste Partida”, sintetiza com riqueza de dados, emoção e poesia esse drama da fome, da seca e do êxodo rural:

Triste Partida de Patativa do Assaré (2002)

Setembro passou Com outubro e novembro Já tamo em Dezembro Meu Deus, que é de nós? Assim fala o pobre Do seco Nordeste Com medo da peste Da fome feroz	E vende o seu burro O jumento e o cavalo Inté mêrmo o galo Vendêro também Pois logo aparece Feliz fazendêro Por pouco dinhêro Lhe compra o que tem	Chegara em São Paulo Sem cobre, quebrado O pobre acanhado Procura um patrão Só vê cara estranha Da mais feia gente Tudo é diferente Do caro torrão
A treze do mês Ele fez experiência Perdeu sua crença Nas pedra de sá, Mas nôta esperança Com gosto se agarra Pensando na barra Do alegre Natá	Em riba do carro Se junta a famia Chegou o triste dia Já vai viajá A seca terrive Que tudo devora Lhe bota pra fora Da terra natá	Trabaia dois ano, Três ano e mais ano E sempre nos prano De um dia inda vim Mas nunca ele pode Só veve devendo E assim vai sofrendo Tormento sem fim
Rompeu-se o Natá Porém barra não veio O só bem vermeio Nasceu muito além Na copa da mata Buzina a cigarra Ninguém vê a barra Pois a barra não tem	O carro já corre No topo da serra Oiando pra terra Seu berço, seu lá Aquele nortista Partido de pena De longe inda acena Adeus meu lugar	Se alguma notícia Das banda do norte Tem ele por sorte O gosto de uvi Lhe bate no peito Sodade de mói E as água nos óio Começa a caí
Sem chuva na terra Descamba Janêro, Depois feverêro E o mêrmo verão Entonce o rocêro Pensando consigo Diz: isso é castigo! Não chove mais não!	No dia seguinte Já tudo enfadado E o carro embalado Veloz a corrê Tão triste, coitado Falando saudoso Seu filho choroso Excrama a dizê	Do mundo afastado Sofrendo desprezo Ali veve preso Devendo ao patrão O tempo rolando Vai dia, vem dia E aquela famia Não vorta mais não
Apela pra Maço Que é o mês preferido Do santo querido Senhô São José Mas nada de chuva Tá tudo sem jeito Lhe foge do peito O resto da fé	De pena e sodade Papai sei que morro Meu pobre cachorro Quem dá de comê? Já ôtro pergunta Mãezinha, e meu gato? Com fome, sem trato Mimi vai morrê	Distante da terra Tão seca mas boa Exposto à garoa À lama e ao paú Faz pena o nortista Tão forte, tão bravo Vivê como escravo Nas terra do Su
Agora pensando Ele segui ôtra tria Chamando a famia Começa a dizê Eu vendo meu burro Meu jegue e o cavalo Nós vamo a São Palo Vivê ou morrê	E a linda pequena Tremendo de medo "Mamãe, meus brinquedo Meu pé de fulô?" Meu pé de rosêra Coitado, ele seca E minha boneca Também lá ficou	
Nós vamos a São Palo Que a coisa tá feia Por terras alheia Nós vamos vagá Se o nosso destino Não fô tão mesquinho Pro mêrmo cantinho Nós torna a vortá	E assim vão deixando Com choro e gemido Do berço querido O céu lindo e azul O pai, pesaroso Nos fio pensando E o carro rodando Na estrada do Sul	

Fonte: Patativa do Assaré, 2002.

3 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Sem dúvidas que as lembranças da minha infância e da adolescência no sertão paraibano são as mais alegres e felizes da minha vida até aqui. Acredito também que meus irmãos pensam assim sobre esse período encantado vivido naquele torrão, como muitas outras pessoas que moravam lá e se "perderam na vida", pensavam assim.

Todas essas lembranças são muito importantes para a construção da minha formação e das escolhas das minhas áreas de estudo. Sobre as vivências desse momento mágico da minha vida, ousei escrevê-las em forma de poema para exaltá-las sua essência e grandeza. Não queria deixar de fora aquilo que foi para mim a inteireza da felicidade. Penso aqui nos termos de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa (1998):

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

O poema que segue é ousado porque me inspirei no brilhante, "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu (1978). Apesar do meu pertencimento ao autor e a essa época, o poema saiu atabalhado pensando ser "grande", "inteiro" e feliz.

Lembranças da minha infância

Ah, que lembranças bonitas Da infância no meu Sertão Guardadas no coração Que hoje bate a saudade Lembro o dia amanhecendo Na mais terna alegria Não se sentia agonia Vinda depois com a idade	E quando o inverno chegava Melhor época do Sertão Vidas brotavam do chão Sonhos fugidos voltavam O verde cobria a paisagem A meninada corria à toa Feliz tibungava na lagoa E tristezas se afastavam	E as melancias lá do roçado Branca, rajada, toda comprida E na fatura nem era partida Batia no chão, o miolo soltava E os dedos escarnava as cascas Mas que doçura! E nem percebia Que pelo queixo o caldo escorria E a felicidade ali se alegrava
Ouvia o galo cantando Para o encanto da aurora Todo dia e a mesma hora Os outros galos cantavam Depois vinha a passarada Na mais linda sinfonia Depois disso ela partia E os raios apontavam	E os encantos do plantio Entupindo sem pressão Covas de milho e feijão A meninada animava Na plantação de arroz O balé dos entupidores Todos eram ganhadores E a felicidade reinava!	Brincava de bola e jogava peteca Saía correndo pra buscar o gado Como era bom não ser obrigado Pensava voar com os passarinhos E tomar banho no riacho de Areia Subindo e descendo no cajueiro E do pé de manga se dava freixeiro E chupava os cajus bem amarelinhos
O sol ao longe surgia Como uma gema de ovo Todo bonito e de novo Para o dia anunciar E os galos-de-campina Comendo lá no terreiro E os anuns no pereiro Não paravam de cantar	O cheiro do milho-verde No moinho se passando Na peneira peneirando Pra canjica e pra xerém Na cozinha aquele aroma Arroz de leite e pirão O bolinho de feijão A tripa assada também	Que alegria caçar os preás O velho duque sempre acuando O preá corria e a gente estumando Por dentro do mato, corria latindo Em dias de sorte, logo pegava A gente gritava pra duque soltar Ele soltava e voltava a caçar E muitos dos soltos saíam fugindo
E o orvalho da manhã Limpendo e beijando flores Borboletas de várias cores Também as flores beijavam Belo era o tiziu na estaca Pulando alto e cantando Subindo mais e voltando Com golados que voavam	Depois das maiores chuvas Corria a olhar os barreiros Entre malvas e marmeleiros E ramagens que fechavam Ver os açudes sagrando Transbordando esperança As águas como uma dança Novas vidas despertavam	Outra alegria era pescar piaba Suvela e piau mas que emoção Pegava-se piaba até com sabão O peixe gostoso mainha preparava Traíra, piau, coró e curimatã E nos açudes aprendendo a nadar E a vida corria tão rápida a passar E a infância me abandonava
Ah, quantos passarinhos... Sabias no alto da catingueira Bem-ti-vis no galho da aroeira E outros vem à memória Rouxinóis e patativas À noite, estrelas, vagalumes... Vida doce sem queixumes Dormia escutando história	As brincadeiras no terreiro Nas noites de lua cheia Dando-se volta e meia Caindo no poço, passando o anel Cadê o grilo? O trem de ferro E a magia do São João Da debulha de feijão A vida era doce mais do que mel	O tempo passou rápido demais E aquele menino livre a correr Num estalo inventou de crescer Conheceu a dor, a perda, o desgosto E com pertencimento à infância Agora nos sonhos ele está vindo Correndo feliz sempre sorrindo Quanta doçura tem no seu rosto!

Fonte: João Morais de Sousa, 2023.

Ousei, ainda, escrever sobre o encanto e a magia desse período em forma de crônica. Em visita recente ao Sertão, atualizei uma crônica que havia escrito para o *Jornal Grande Recife* (2019), intitulada, “Lembrar é viver”.

Lembrar é viver!

Cheguei de viagem e foi recebido com amor e carinho pelos meus pais envelhecidos. Eu mesmo envelhecera. Arrodeei a casa que passei a infância e adolescência e descobri que era ainda a minha acolhedora e pertencida casa! Percebi que o tempo passou rápido e muita coisa mudara no sítio. Olhava a

paisagem vista há muitos anos e ia me encontrando em cada pé de pereiro, camaru, catingueira. Também nos serrotes e serras que a vista alcançava. Senti falta de uma catingueira que ficava em frente à cozinha e de um pé de camaru no oitão. Muitas plantas continuavam na frente da casa. A chuva que caíra recentemente ajudou a renová-las e a florescer o jasmim. Que cheiro bom! Lembrei-me do pé de bugari e do seu aroma. Não estava mais lá. Com eram lindas e cheirosas as flores daquele bugari que à noite incensavam a casa. Inclusive, até hoje, na cidade grande, cansado e engolido pelos afazeres, tenho me lembrado dessa época e buscado absolver aquele cheirinho daquelas flores para aliviar a fadiga e nunca mais o encontrei.

Recolhi-me ao terreiro do nascente e fui arrebatado pelas lembranças vividas ali. Como eram reais! Imediatamente me encontrei com a criança e o adolescente que viveram ali – eu próprio. E lembrei quanta felicidade senti naquele pequeno torrão em meio a tantos apertos e limitações de toda ordem, principalmente as financeiras.

Senti-me correndo no terreiro e nos cercados dali: tomando banho de chuva, interagindo com as pessoas da casa, jogando bola, brincando com outras crianças, saboreando na mesa farta: a inigualável galinha capoeira, o arroz de leite, o feijão com nata, coentro e cebolinha; a polenta doce, o cuscuz de milho zarolho, a coalhada, o jerimum, a batata-doce e outras iguarias. E à noite me recolhendo e me agasalhando em uma rede com cheirinho de talco. E reconheci: como dormia em paz!

4 DESVELAR DAS LIMITAÇÕES DAS CONDIÇÕES DE VIDA

A compreensão da minha existência no campo foi se desvelando a partir das limitações das condições de vida que incluía trabalho árduo, limitações de utensílios domésticos, alimentos e vestimentas. Sempre teve o incremento da perseverança de uma vida melhor (que teimava em não vir). E lá em casa tivemos em abundância a formação em valores, amor e carinho ofertados pelos meus pais, irmãos e moradores que faziam da nossa casa no sítio, mesmo faltando tantas coisas, um espaço de alegria e de sonhos.

Este contexto de limitações fizeram das chuvas as lembranças mais marcantes – pela chegada ou ausência – das nossas vidas. Dos sonhos, ela era a mais desejada; representando vida no sentido amplo. Era a esperança, a alegria e a mudança de uma vida melhor. Por isso representava a felicidade.

Tudo brotava quando ela chegava. Dos tabuleiros nascia mato, capim e ramagem – os mais variados. As juremas, os marmeleiros e outros arbustos enfolhavam com uma rapidez que quem tivesse passado ali na estiagem, não reconhecia o lugar. Também, florescia nas pessoas, alegria e esperança de dias melhores.

Lembro que a chuva chegava mais à noite, aguçando a sensibilidade. Que alegria lembrar as goteiras salpicando a rede e a sinfonia dos pingos no telhado! Do friozinho gostoso nas chuvas mansas; e da vontade do dia amanhecer, depois de uma chuva forte para olhar a água dos barreiros e açudes. Recordo-me adolescente correndo (antes do sol sair) com os salpicos d'água e o barro batendo e grudando nas pernas para olhar os feitos da chuva.

Como era gostoso contar as surpresas – o açude meiu; a água chegou ao pé do sangradouro; o açude está sangrando. Aquele cheiro de terra molhada, de babugem, do curral me toca a alma e me bate uma saudade boa e uma alegria aflora. Como sou pertencido àquela casa e aquele sítio, pedacinho encantado do município de Malta/PB.

Assim, como meu pai, distante das origens, quando morou em São Paulo, e eu hoje convivendo em uma cidade grande (Recife), aproximo-me mais daquele pedacinho do Sertão, da minha infância e da adolescência. Como referido antes, durante um período, engolido pelo cotidiano e por muitos outros afazeres da minha profissão, fiz poucas visitas aos meus pais. E como num passo de magia eles

envelheceram rapidamente. Percebi que aquele Sertão continua, mas sem a maioria das pessoas que marcou aquela encantada época.

Até quem permaneceu ficou diferente. Recolho-me a uma linda canção, composta pelo repentista violeiro, Severino Nunes Feitosa (2017) – tive a felicidade de conhecê-lo –, intitulada, “Voltando à minha terra”. E toda vez que a escuto me emociono porque ela tem o fascínio desse lugar e me faz renovar laços de interação e pertencimento à minha infância e adolescência.

Voltando à minha terra

Peço a Deus todo momento
Pra um dia me levar
Onde foi meu nascimento

**O que não posso tirar
Nunca da minha lembrança
É o pedaço de terra
Que vivi quando criança (Refrão)**

Eu fui um pássaro que viveu feliz
Cantando livre nesses matagais
Bebendo água nas cacimbas claras
Depois voando para os mangueiras
Eu fui menino que andou descalço
Pulando corda e jogando pião
Cortando lenha pra fazer o fogo
Batendo enxada pra cavar o chão

Fui tangerino das estradas longas
Do vale verde que me viu andar
Depois tornei-me num cigano errante
Que deixa a tropa pra poder voltar
Na grande ânsia de ver a beleza
Da minha terra meu rancho e meus pais
Tive alegria e tive tristeza
Como era antes ninguém era mais

'A casa antiga onde me criei
Não tem as mesmas portas e janelas
Até as moças com quem namorei
Estão casadas não são mais aquelas
Os meus amigos e os meus parentes
Que cultivaram essa terra outrora
Os que ficaram estão diferentes
Uns já morreram e outros foram embora

Deus me conceda que eu volte um dia
À terra amada do meu nascimento
Onde eu juntei dor e alegria
Misturei tudo no meu pensamento
Fui obrigado pelo meu destino
Tentar um meio de sobreviver
Mas nessa terra onde eu fui menino
Queria ainda morar e viver.

Fonte: Severino Nunes Feitosa (2017)

4.1 O DESPERTAR DA REALIDADE SOCIAL

Aos poucos fui compreendendo o fenômeno das secas e da dominação a partir, sobretudo, dos que viviam na condição de moradores. Eu e meus irmãos fomos introduzidos no trabalho muito novos. Um costume na região. No início o que era um trabalho desobrigado e prazeroso passou a ser obrigatório e desgostoso. No lugar das brincadeiras vieram os afazeres e dos simples pedidos vieram às ordens. Os chamados carinhosos, algumas vezes, foram substituídos pelas cobranças ríspidas.

A partir dos 7 anos de idade passei a me acordar de madrugada para ajudar meus pais no processo de ordenhar vacas, soltar bezerros e esvaziar canecos de leite. Foram 11 anos ininterruptos. Em média a gente acordava 03h30min da madrugada. A situação no período do inverno era mais difícil por conta da chuva, poças d'água e estrume molhado causando atoleiros. O levantar era o mais difícil. Sempre desejei dormir mais um pouco. Não havia jeito.

Além da ordenha e trato de gado, comecei cedo a trabalhar na limpa de lavoura, destoca de roçado, cata de algodão, entre outras atividades domésticas. A jornada de trabalho passou a ser árdua e longa. E por insistência da minha mãe, nós filhos passamos a estudar na cidade de Malta/PB. Mais de 5km quilômetros de distância. Íamos e voltávamos a pé. Teve um período que pegávamos com frequência carona na ida.

Eu saía do curral às 05h30, tomava banho, comia alguma coisa e colocava os pés na estrada às 6h. Uma hora de caminhada apressada. Até hoje ando apressado. Para nós lá de casa a escola foi sempre um lugar de encanto. Sempre a gente quis ir à escola e chorava quando tinha que faltar. No nosso caso, em parte, era uma espécie de descanso. A gente retornava meio dia, almoçava e depois ia para a labuta do roçado e do trato com o gado. Retornava com o sol posto.

Ao concluí o primário, fui fazer o ginásio (as quatro últimas séries do hoje ensino fundamental) à tarde. O dia continuou começando às 03h30minh da manhã com a ordenha, depois o roçado, trato com o gado e afazeres domésticos. Ao meio dia, sem trégua do sol, fazíamos o percurso a pé para a escola e retornávamos no final da tarde. A escola continuou sendo um encanto.

Aos 15 anos, comecei a minha pertencida e encantada vivência com a educação e à docência. Passei a dar aulas à noite, na zona rural, pelo extinto

Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa que no ano seguinte foi extinto e substituído pela Fundação Educar. Minha primeira turma tinha 32 moradores (sem saber ler e escrever), todos do sexo masculino. Eu era o mais novo e tinha uma vontade enorme de acertar. As aulas eram na sede da fazenda Santa Rita, município de São José de Espinharas, distante 6km da minha casa. O programa deu uma bicicleta e um lampião de gás. Meu dia continuou começando às 3:30h da manhã e agora terminava às 22h.

Naquele contexto pude ver que éramos todos engolidos pelas necessidades objetivas de vida (comida, moradia, vestimenta) e pelas estruturas de poder e dominação do lugar. E a compreender que o conhecimento, a informação e a educação poderiam ajudar no processo de emancipação e mudança social. Os proprietários sabiam disso e dificultava o acesso à formação. Meu maior desafio era despertar sonhos naqueles moradores que já chegavam “derrotados” e sem ânimo para aprender. Tudo isso determinado pelas condições precárias de vida e de trabalho. Mesmo curta, foi uma experiência construída com afetos, alegria e a esperança de dar certo. Sementes foram plantadas.

Nesse período, influenciado pelo meu irmão mais velho (que sempre foi inspiração para mim) que estava no seminário diocesano de Patos/PB, pela teologia da libertação – cuja essência era interpretar os ensinamentos de Cristo como libertadores das injustiças socioeconômicas e políticas impostas pelos mais ricos e poderosos aos mais pobres, oprimidos e excluídos – e pela participação em um grupo de jovens ligado a igreja católica, passei a me interessar por política. Ainda, fui influenciado pelo movimento pelas “diretas já” que soprou esperanças para o processo de redemocratização. Tive a felicidade de ter me encontrado com Dom Helder Câmara, em uma visita que ele fez a Patos/PB. Tudo isso me fez sonhar com a universidade e com as ciências sociais.

Em 1986 passei a estudar à noite, na cidade de Patos, segundo grau. Deixei de andar a pé. O município de Malta adquiriu um ônibus municipal para transportar os estudantes. O retorno passou a ser por volta das às 23h30. Continuei a acordar cedo para ordenhar. Nesse período fui convidado para ser professor da rede municipal de Malta/PB, na zona rural, em turmas multisseriadas – da alfabetização à 4ª série –, no turno da manhã. No turno da tarde continuei com a mesma labuta: roçado, trato com o gado, destoca e outros serviços.

Importante destacar a influência da igreja católica no que tange à dominação socioeconômica e política local. Lembro-me que no início dos anos de 1980, período de uma das piores secas, o padre responsável pelas paróquias em três municípios da região, conservador e moralista, afirmava que um dos fatores que influenciava o fenômeno das secas e da miséria no sertão era a falta de fé do sertanejo e os pecados cometidos por eles.

Ele afirmava que a falta da fé já era um pecado grave. Por isso despertava a ira e a vingança de Deus. Lembro-me das pregações e sermões severos de Frei Damião de Bozzano quando passava em missões na cidade de Malta/PB – Frei que foi muito influente no Sertão Nordestino –, comungava dessa visão.

A dominação política e econômica local impedia que o conhecimento técnico e científico pudesse chegar aos mais pobres. Logo essa dominação se ramificava nos valores culturais e religiosos da localidade, impedindo a emancipação dos moradores rurais. Para estes parecia muito difícil vislumbrar a solução do problema da seca enquanto fenômeno político-social.

A história da vivência deles apontava como era difícil superar o problema da escassez da água, da miséria e da fome por meio de decisões políticas. Diante de tantos tormentos, restava ao Senhor do Céu, com sua misericórdia e poder, solucionar o problema, na hora certa. Para isso, bastava que todos se arrependessem dos pecados, implorassem perdão e seguissem seus mandamentos.

Por diversas vezes rezei pedindo chuvas e o perdão pelos meus pecados, pelos da minha família e pelos dos outros moradores. Nunca soube ao certo quais os pecados que mais atraíam a ira de Deus. Tinha medo de pecar só em considerar que Deus estava sensível demais em se zangar com o Sertão, retirando a chuva, só por porque algumas pessoas chamavam “nomes feios” ou praticavam atos carinhosos e “carnais”. Nessa visão do castigo, a seca como uma resposta do Senhor aos pecados cometidos pelos humanos aqui na terra, evidenciava um Deus vingativo e impiedoso também para com as plantas e os animais, que nada tinham a ver com os pecados.

Hoje compreendo que diante daquele contexto de tantas desigualdades de partida; apertos de toda ordem; como era difícil para nós moradores lutarmos por emancipação e melhora nas condições objetivas de vida e trabalho. A sujeição e a servilidade estavam postas. Éramos pessoas pobres, trabalhadoras, invisibilizadas

e, ainda, culpabilizadas pelas secas. Nossa condição (de sujeição) era imposta pela a estrutura histórica de domínio socioeconômico e político da região.

5 SECAS, FRENTES DE EMERGÊNCIA E O PODER LOCAL

Neste tópico, recorri ao livro que escrevi como parte do pagamento da minha dívida com minhas origens, intitulado: “Memórias da seca: o ano que não quis passar” (2004) e à minha dissertação de mestrado, intitulada: “Coronelismo em Malta: práticas utilizadas para o controle do poder local – 1953/1992” (1995), e a minha tese de doutorado (2001).

Sobre a origem do coronelismo é sempre aconselhável ver nota escrita por Basílio de Magalhães para Leal (1976), Carone (1978), Faoro (1989), Paulo H. Martins (1985), Palacín (1990), Chandler (1981), Paulino (1992), Luiz Luna e Nelson Barbalho (1983), Janotti (1982) e Pang (1979).

É importante lembrar que o coronelismo enquanto base do mandonismo do poder político local, sobretudo, no Nordeste brasileiro, é característico do período da “Velha República” (1889 a 1930). Os estudos sobre essa realidade apontam que a conclusão que fica é que, onde o poder político continua controlado por um pequeno grupo de pessoas e/ou famílias, como no passado, as bases de sustentação desse poder foram redefinidas e readaptadas ao novo contexto político-institucional-administrativo (SOUSA, 1996).

Algumas das perguntas que fiz para os meus estudos sobre esses fenômenos foram: como justificar a persistência do coronelismo nas áreas onde as condições de vida e trabalho são mais “desenvolvidas” e onde o comércio, o setor de serviços, a agroindústria, a fruticultura irrigada, o agronegócio têm uma participação mais efetiva na economia local e regional? Que fatores determinam essa realidade de mando? Qual a atualidade dos clássicos como Leal (1976), Queiroz (1976), Faoro (1990), Dantas (1987) e que leitura fazer do coronelismo hoje a partir deles?

Como algumas respostas, indico que a importância dos estudos sobre o coronelismo emerge na medida em que estudos apontam a necessidade de reformulação do conceito e de suas bases de determinação, como os de Andrade (1992; 1989; 1997, 1985, 1997b) e Carvalho (1997) e Lemenhe (1996) que enveredam pela perspectiva do clientelismo político.

O coronelismo de hoje não é o mesmo descrito por Leal (1976), Faoro (1991), Queiroz (1976), Vilaça e Albuquerque (1988), ou seja, ligado exclusivamente ao universo agrário onde o proprietário de terras aparece como a principal personagem

do domínio político local, amontoando os eleitores em currais e tangendo-os nas direções indicadas, como se tange rebanhos de gado.

Isso não desapareceu de tudo. Porém, estudos como a minha tese de doutorado (2001), apontam que o coronelismo persiste transfigurado em outras bases, mantendo-se as relações afetivas, familiares e de amizade no controle do poder, na distribuição de recursos e cargos públicos, sobretudo, nas esferas local e regional.

Utilizando-se de expedientes que extrapolam os parâmetros formais, técnicos da administração pública. Sobrepondo-se aos partidos políticos e aos interesses do estado. Certamente muitas dessas relações têm ajudado a determinar controle do poder político no Sertão Nordeste nas mãos das mesmas famílias há décadas, como o domínio dos Coelho em Petrolina/PE.

Retomo aqui o fenômeno das estiagens para relacioná-lo com o controle do poder local, uma vez que as estiagens historicamente fortaleceram o poder dos chefes locais.

A seca que mais me despertou para entendê-la para além do fenômeno natural foi a do início dos anos de 1980. Havia completado 14 anos e estava na 7ª série. O prefeito havia decretado estado de emergência no município de Malta/PB e foi “contemplado”, a princípio, com 200 vagas, para alistar as pessoas da zona rural nas frentes de emergência.

As vagas sempre eram preenchidas conforme a preferência do chefe político local, que tinha o poder de determinar quais os mais necessitados, embora ocorressem algumas injustiças, mas como a maioria necessitava do benefício, e as vagas eram escassas, certamente muitos necessitados teriam que ficar de fora. O chefe local e sua esposa sabiam lidar bem com a escassez das vagas.

Experientes na política sabiam lidar com a escassez das vagas jogando com a população vulnerável. Aos que foram alistados mostrava a importância das suas vagas, uma vez que uma maioria ficava de fora e que também necessitava tanto quanto os alistados. Deixava claro que era o responsável pelo alistamento e queria ser retribuído no período das eleições. Para os que ficavam de fora, fazia uma lista incluindo os mais necessitados, afirmando que no próximo alistamento eles estariam incluídos, o que amenizava os ânimos dos exaltados.

No primeiro alistamento, teve o cuidado de alistar apenas um membro de cada família. Embora nos seguintes alistasse outros. Houve família que chegou a ter cinco pessoas inscritas nas frentes de emergência.

Ninguém lá de casa foi contemplado nos três primeiros alistamentos. Só no quarto foi que eu e minha mãe fomos contemplados. No terceiro alistamento, realizado num sítio próximo lá de casa, foi um sufoco. Eu e minha mãe tentamos por uma vaga. Logo cedo passavam moradores das localidades vizinhas para também tentar uma vaga. O que muita gente não sabia era que as vagas já estavam preenchidas. O alistamento foi feito formalmente pela EMATER/PB (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba), mas de fato pelo prefeito e sua esposa.

Terminei de ordenhar as vacas com o meu pai e corri para lá. Minha mãe foi depois. Nunca vi tanta gente em volta do local do alistamento. Não havia sombra. As árvores todas desfolhadas, o sol quente desde as 7h da manhã. Escassez de água para beber e quando chegava era servida quente.

O pessoal da casa em que o alistamento estava sendo feito passou o dia carregando água de uma cacimba distante 2 km. Em um jumento e em uma bicicleta. Quando o jumento e a bicicleta chegavam era aquele ruge-ruge para conseguir um pouco de água. Ocorreram algumas confusões envolvendo pessoas querendo furar a fila da água.

Encontrei muita gente da cidade, mesmo sendo o alistamento destinado às pessoas da zona rural, mas graças à “bondade e generosidade” do casal (que mandaram na política local por mais de 40 anos), moradores foram alistados. Importante dizer que o município sobrevivia das atividades da agricultura, da pecuária, do pequeno comércio e do setor público. Assim, a maioria das pessoas da cidade tinha vínculos com a zona rural. Naquele dia lutei por uma vaga. Não fui para a escola. Meio dia e meia, hora do intervalo do alistamento, almocei rápido e voltei correndo. Lembro-me do meu pai perguntando se eu havia me alistado. Quando respondi que não, chateado, ele disse ser moleza da minha parte já que um filho de outro morador vizinho havia conseguido.

Pela manhã eu havia enfrentado três filas enormes procurando colocar meu nome em alguma turma. Cada turma era composta por 25 pessoas. Quando diziam que ia ser formar uma turma, corriam todos de uma vez, trezentas, quinhentas pessoas. Em determinado momento fiquei tão espremido em uma das filas, que

minha mãe foi chamar dois policiais que davam plantão no alistamento para me tirar daquele ruge-ruge. Às três da tarde, depois de muito implorar a um colega da escola, incumbido de colocar os nomes em uma nova lista, ele colocou o meu. Fiquei muito feliz, foi como se já tivesse conseguido a vaga.

A decepção veio em seguida: nenhuma das turmas formadas ali foi incluída naquele alistamento. Como disse antes, o casal que mandava na política local tinha o poder de decisão. O alistamento passava por suas mãos. Quando minha mãe recebeu a notícia de que não seria alistada, ficou nervosa, “xingou” os representantes da EMATER/PB e me puxou pelo braço dizendo mais menos assim: vamos embora “dessa merda”, porque a gente só tem vez quando vota neles e depois que vota não vale mais nada. A esposa do chefe político, de uma das janelas da casa, ouviu o desabafo da minha mãe.

Na volta para casa, ela só não fez dizer que o casal mandatário da política local era santo. Chamou-lhe por nomes “feios”. O que foi corroborado por outras pessoas que voltavam cansadas e desoladas. Senti indignação e até enfatizei o que minha mãe dizia. Interessante foi que no início da noite quando o casal retornou, parou lá em casa e foi logo dizendo que tinha procurado minha mãe no final do alistamento, pois tinha conseguido uma vaga e, como não a encontrou teve que colocar outra pessoa. Minha mãe mudou logo de feição.

Nem parecia aquela que há duas horas antes dizia “cobras e lagartos” contra eles e que quando os encontrasse pessoalmente diria “poucas e boas”. Até torci para isso acontecer. Ainda bem que minha torcida não valeu. Minha mãe os recebeu muito bem. Ofereceu leite e coalhada. O casal aceitou a hospitalidade e foi acolhido com muita cordialidade. Depois pediu o documento dela e o meu registro. E prometeu que (nos próximos 20 dias) estaríamos alistados nas frentes de emergência.

Quando o casal saiu, minha mãe e meu pai ficaram comentando sobre o respeito e a consideração daqueles mandatários da política local para a com a nossa família. Gestos logo traduzidos em bondade e generosidade. Fiquei intrigado com aquela mudança repentina de opinião. Logo compreendi que a mudança se justificava pela nossa condição social e pelos nossos apertos. O que estava em jogo era a nossa sobrevivência. Naquele momento a gente estava pleiteando as vagas para continuar resistindo e teimando em não ter que partir para o “sul” novamente.

Por outro lado, consolidava-se a dependência dos meus pais aos chefes da política local - teriam que retribuir o favor recebido. E só havia uma única maneira: votar neles e em seus candidatos nos dias de eleições. Portanto, o alistamento se constituía no fortalecimento da estrutura da dominação da política local.

Promessa feita, promessa cumprida. Fomos alistados na data prevista. Não precisamos enfrentar fila nem nada. Passei menos de uma hora para ser alistado em uma turma que prestaria serviços em uma propriedade perto da minha casa. Fui incumbido de trabalhar meio expediente de segunda a sexta.

Inicialmente, a nova turma (25 pessoas) foi designada para desentupir um cacimbão para dar água ao gado do proprietário do sítio. Depois a turma foi enviada para aumentar o balde do açude da propriedade. Vale lembrar que o cacimbão ficava dentro do açude. Quando o açude enchia o cacimbão era totalmente submerso. O barro era cavado próximo ao balde e transportado em carros de mão.

Nunca faltei um dia de trabalho. Era pontual e cumpria todas as tarefas designadas. O feitor da turma fez um acordo com o proprietário e estipulou que cada pessoa deveria colocar, no mínimo, 30 carros de barro por dia. Eu chegava às sete horas e às dez e meia (em média) já tinha terminado a tarefa. Muitas vezes, ainda ajudava os mais lentos: cavando barro ou transportando os carros cheios. A turma também foi designada para outras atividades de interesse exclusivamente do proprietário da terra. Como cortar e assar cactos para o gado.

A ideia que se tinha do trabalho a ser desenvolvido pelas frentes de emergência deveriam atuar na criação de reservatórios (açudes, barreiros) de água ou ampliação de outros, cuja função social era as pessoas poderem utilizar a água para beber e no gasto doméstico. Porém, plantar vazantes, pescar, ou outros fins quaisquer, nem pensar. A não ser os moradores que residiam na propriedade, e assim mesmo tinham um preço a pagar (as formas de parcerias tradicionais – meia, terça, quarta).

O que eu e minha mãe recebíamos era muito pouco. Um quarto do salário mínimo cada um. Recebíamos também algumas feiras, que eram descontadas desse valor mínimo. Inclusive na feira vinha um feijão preto, que dava um trabalho enorme para cozinhar. Para poder cozinhar, minha mãe deixava-o passar a noite de molho, e no outro dia colocava muita lenha debaixo da panela de barro, chegava ao meio-dia e ele continuava duro. Nunca se consumiu tanta lenha lá em casa, como

nesse período. Apesar dessas circunstâncias, com alistamento nas frentes de emergências, a situação lá em casa foi aliviada.

Os serviços das frentes de emergência, nesta região, não andaram bem. Além de mal planejados, organizados e conduzidos, nas primeiras enxurradas do ano seguinte foram com elas parte dos barreiros feitos pelas frentes.

Uma medida tomada pelo casal de político no município e que foi muita aplaudida, rendendo-lhe muitos votos, foi o fato de desobrigar as mulheres alistadas, de irem para os locais de trabalho no município. Fato que não ocorreu em municípios vizinhos, onde as mulheres alistadas foram obrigadas a carregar pedras na cabeça, cavar barro e empurrar carros de mão.

Com as chuvas do ano de 1984, as frentes de emergências foram suspensas. O cenário cinzento adquiriu uma nova cobertura. Era o milagre da chuva: a vegetação brotava dos pedregulhos; das cinzas; do que era dado como morto.

6 AS CHUVAS

Recorri também a “Memórias da seca” (2004) e ao “Roçado” (2007), livros que escrevi para falar de belas lembranças que me ajudaram a não desistir de sonhar. No sertão com as chuvas tudo brota, renasce, revigora, inclusive, as pessoas. Uma constatação difícil de ser descrita por palavras. É preciso sentir.

Certamente, muitas coisas são observáveis, como ver a vegetação crescer do dia para a noite. O mato aumentar depressa, as árvores revigorarem todas de uma vez, as veredas ficarem mais estreitas tomadas pelo capim e as folhagens dos arbustos e árvores. No período de chuvas regulares, caso uma pessoa deixe de ir ao roçado, num intervalo de dez dias, pode tomar um grande susto com o que vai encontrar.

As reses magras, em 15 dias, com as primeiras babugens, livram-se do adjetivo de magricelas. Os ossos passam a ser cobertos. Com um mês já podem ganhar novo adjetivo: gado bonito. São esses milagres e mistérios que ocorrem no período de chuvas regulares. É a esperança da fartura e da prosperidade.

Em muitos momentos da seca terrível vinha o pensamento das poças d'água quando chovia; do cheiro da babugem despontando; de pisar no chão descalço, sentindo o cheiro da terra molhada, ouvindo em cada poça o coaxar dos sapos fazendo a festa. Lembrava-me da corrida aos barreiros para ver se tinham sangrado. Descalço, corria na terra firme e os salpicos de água subiam com a terra molhada e ficavam grudados nas pernas, no calção e até na camisa. (SOUSA, 2004, p. 207).

(...) Lembro-me enrolado no lençol dentro da rede e pensando em coisas que fugiam aos pensamentos rotineiros na busca incessante da sobrevivência. A chuva significava sempre alegria, esperança e vida. Eu sonhava... arquitetava planos e mais planos. Em todos eles almejava uma vida mais digna e mais justa, não só para mim, mas para meus pais e irmãos, vizinhos e todos os que padeciam com a seca, inclusive, os animais e as plantas. (SOUSA, 2004, p. 208).

(...) A chuva era um estímulo aos sonhos de todos os sertanejos que moravam no campo. Era a certeza de voar sem ter medo de cair. E muitos voavam, voavam muito alto... Até chegar a seca para derrubá-los. (SOUSA, 2004, p.208).

O encanto

O roçado era comparado a uma obra de arte. O agricultor não podia entender isso. Nem sequer ouvira falar, porém visualizava e sentia tanto quanto os grandes mestres da pintura. Certamente quem visse o roçado se encantaria. Até os mais insensíveis visualizariam encanto

e exuberância naquela obra, principalmente com o sol desaparecendo por detrás do Serrote Branco. Parado, assistiu aos cinco últimos minutos do pôr do sol. Foi o clímax. Era a vida brotando da terra com toda intensidade e o sol se encobrendo e cobrindo a beleza. (SOUSA, 2007, p. 17). (...)

(...) Lembranças

Foi buscar o gado no fim da tarde. O sol ainda resplandecia forte. Restava muito pouco do roçado. Alguns troncos de milho e outros de feijão. O terreno parecia varrido. Cor cinzenta do lado estreito e avermelhada na parte alta. Lembrou-se do roçado brotando vida e exibindo beleza. Agora presenciava o fim de mais um ciclo. Na semana seguinte iniciaria outro: destoca, queimada e a espera pelas chuvas. Da obra de arte guardaria os parâmetros da perfeição e da beleza. Também, inspiração, sonhos, seiva e vida. (2007, p.173).

6.1 ESPERANÇA E SECA

Para discorrer sobre esse tema importante para minha formação acadêmica, recorro-me ao que escrevi sobre a problemática da seca, no livro que organizei juntamente com Rogério Ribeiro Lopes, intitulado: A natureza na voz dos cantadores (SOUSA, 2009).

Muito se escreveu e se discutiu sobre a seca. Motivos, causas e soluções foram apontados em vários trabalhos científicos. Ainda há muito para ser abordado, sobretudo, na visão das vítimas; dos que sentem a falta d'água, alimento, trabalho e cidadania. A seca tem sido instrumentada para o domínio político local. Práticas políticas retrógradas como o assistencialismo, o clientelismo e o paternalismo, características do "sistema coronelista", têm favorecido, ainda, a instituição da famigerada indústria da seca.

Parte da elite política local utiliza-se do discurso e dos recursos públicos de combate à seca (frentes de trabalho, carros pipas e distribuição de alimentos) para se perpetuar no poder. Além da apropriação de parte desses recursos, privatiza o mérito da ação, mantendo sertanejos encabrestados e dependentes. Pousa de defensora da seca, mas parece clamar aos céus por ela.

Ao sertanejo cabe a condição de submissão; assumir o posto de incapaz; de não saber decidir e necessitar de cuidados e proteção. Por isso, tem de eleger os capazes. A solução em que crê vem dos céus: a "boa invernada". Ela imediatamente resolve os principais problemas, como a falta d'água, de alimento e de trabalho. Também resolve o problema do pasto para os animais.

O inverno possibilita a fé na pecuária e no bom plantio – base de sua subsistência. A ausência ou a tímida presença de políticas governamentais e, ainda, as ações emergenciais, têm favorecido a visão do inverno como principal solução para a seca.

É verdade que a fome não espera e programas como o bolsa-família têm hoje uma importância no combate à seca em curto prazo, porém não resolvem as principais causas. Daí, a necessidade das agências governamentais oportunizarem mais políticas públicas, como as de financiamento aos pequenos agricultores.

A chegada das chuvas faz o sertanejo aumentar a esperança em melhores condições de vida e de trabalho; faz lembrar barriga cheia e convites a amigos e parentes para um almoço aos domingos com a certeza de uma mesa farta. Ainda faz estreitar laços de integração e pertencimento, despertando a imaginação para um viver mais digno e alegre.

No entanto, essa situação favorável também encobre parte dos efeitos danosos da estiagem e contribui para uma naturalização e divinização dos fenômenos da seca e do inverno. Inclusive, isentando o poder público e os políticos de responsabilidades.

É necessário oportunizar condições para que o sertanejo se emancipe. Os movimentos populares (Sindicatos, Associações, ONGS [Organizações Não Governamentais], MST [Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto], Igrejas) têm um papel importante nesse processo: lutar para que o fenômeno da seca seja enfrentado com políticas públicas e não com políticas assistencialistas, paternalistas e clientelistas, que favorecem à condição de tutelado, protegido e dependente. A seca não pode ser vista mais enquanto um problema divino ou natural, mas essencialmente socioeconômico e político.

O poder público e a elite política nordestina têm responsabilidades pela fome e a miséria no Sertão Nordeste e é preciso um basta ao uso inadequado de recursos públicos e hídricos no combate à seca. Porém, é imperativo às vítimas desse fenômeno ocupar seu papel de sujeitas e de cidadãos: propor, fiscalizar e acompanhar as ações públicas empreendidas no sentido de buscar soluções capazes de melhorar suas vidas.

É preciso intensificar ações, projetos e programas como os de formação profissional de trabalhadores rurais; os que estimulam o melhor aproveitamento

dos recursos naturais (água e solo) de forma sustentável, como a agroecologia e os sistemas agroflorestais, a produção de alimentos saudáveis; os de eletrificação rural e os de irrigação de pequenas áreas; os de construção de cisternas (como o Programa um milhão de Cisternas) e barragens subterrâneas; os de perfuração de poços artesianos; os de formação de cooperativas solidárias; os de elevação da escolaridade dos moradores do campo.

O agravamento da vida com a seca, em parte, tem aguçado o senso crítico do sertanejo. Hoje, a influência dos meios de comunicação (tv, rádio, telefone, internet, redes sociais) também tem ajudado nessa visão mais crítica. O combate à seca emancipa e liberta os sertanejos da tutela do Estado e das mãos dos oportunistas representantes políticos que há muito vêm manipulando o combate à miséria, à fome e à pobreza no sertão nordestino.

É imprescindível ao sertanejo a esperança no despertar da cidadania na luta por condições dignas de vida e trabalho e uma convivência sustentável com o meio ambiente.

7 DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS

Com a preocupação de despertar o gosto pela escrita e pela leitura de crianças, adolescentes e jovens, sobretudo das escolas públicas, passei e desenvolver atividades de extensão na região metropolitana norte do Recife.

Quando ensinei na iniciativa privada comecei por envolver meus alunos das Faculdades de Ciências Humanas de Olinda (FACHO) e Faculdade Ciências Humanas de Igarassu (FACIG) nesse processo. Inspirado por essas atividades passei a escrever para esse público com uma linguagem simples e direta sobre temáticas que envolvessem cidadania, participação política, inclusão social e poder local. Depois quando passei no concurso público para professor da UFRPE dei continuidade a essas atividades através de vários projetos de extensão, aprovados em editais, que os coordenei nessa minha trajetória.

Há 18 anos, publiquei o livro: "O baile de Camarada onça e outras histórias" (2005), escrito com muita esperança de despertar sonhos e o gosto pela leitura e pela escrita de crianças e adolescentes, sobretudo das escolas públicas em que vinha desenvolvendo atividades, como as de contações de história. Reconheço a alegria e a emoção (sentidas até hoje) dessa construção. Reproduzo abaixo o que escrevi na abertura do livro com o título "O poder da criação", porque representa a essência da continuidade dessas atividades em muitas outras escolas públicas e também a publicação de outros livros a exemplo do "O Sertão em Memórias da infância" (2013) e "10 crônicas sertanejas (2017)".

Este livro foi pensado a partir de atividades sociais, voluntárias, desenvolvidas com crianças de orfanatos e escolas públicas da Região Metropolitana do Recife. Crianças sem condições dignas de moradia, alimentação, saúde, educação, cultura, esporte e lazer, enfim, sem cidadania. As atividades (oficinas de leitura, recreação, arte e pintura) são exigências da programação das disciplinas de sociologia que leciono. Cobro dos alunos um trabalho social prático valendo nota. Além de sensibilizá-los à solidariedade e à participação, o trabalho visa a continuidade das atividades sem a exigência formal. Tem dado certo e cada semestre plantamos mais sementes de solidariedade e cidadania. Como instrumental didático-pedagógico, o livro surgiu das lembranças de meu pai contando histórias à noite, antes de dormir, no sítio Pau-Ferrado, município de Malta-PB, sobre o fascinante mundo encantado dos animais - que pensam e agem como humanos. A vida era cheia de apertos e limitações; passávamos necessidades de toda ordem, mas havia espaço para os sonhos e as fantasias que encobriam dificuldades e aproximavam realizações. Ele modificava e criava personagens e enredos das

histórias aprendidas com seus pais e avós, despertando nos filhos a magia e o gosto da leitura. Aqui faço o mesmo das suas histórias: modifico personagens e enredos e crio outros. Assim como eu e meus irmãos ficávamos presos e curiosos a cada detalhe da narrativa, percebo hoje o mesmo interesse, alegria e fascínio nessas crianças ao ouvir tais histórias. Os espaços de lazer, esporte, entretenimento, arte e cultura são indispensáveis para o seu desenvolvimento psicossocial. Esse "pequenino espaço", o livro, objetiva estimulá-las aos sonhos, à leitura e ao encantado mundo da imaginação (SOUSA, 2005).

Das crônicas destaco uma, intitulada "A cumbuca de sal", escrita a partir de um fato verídico como forma de não só despertar a imaginação dos adolescentes e jovens do ensino fundamental, mas também de aproximar deles os mecanismos de controle do poder político local.

A Cumbuca de sal

Bernardo saiu de São José de Espinharas/PB para estudar medicina em Recife/PE. Após 5 anos, voltou para exercer a profissão. Importante peça na engrenagem da velha política da troca de favores, seu pai, Severino Gomes, era um "doutor" (autodidata) e cabo eleitoral do chefe político local. Ele havia perdido a confiança de Dona Chicola – mãe do político e herdeira da maior propriedade de terra da Região. O motivo foi um comentário a respeito de uma cumbuca centenária – cabaça com boca estreita – de estimação da herdeira, deixada pela bisavó. Ao avistar a cumbuca em destaque na cozinha, em um almoço concorrido, Severino afirmou que a cabaça era feia, desbotada e destoava dos demais utensílios. O comentário arrancou risos dos presentes, menos de Dona Chicola que em tom ríspido respondeu que a cumbuca representava as melhores lembranças de sua bisavó, avó e mãe. E, portanto, a feiura, o desbotamento e o destoamento eram das ideias de quem não tinha alma e nem sentimentos nobres. Depois disso, Severino passou a se esforçar para reconquistar a confiança. Fazia de tudo nas consultas rotineiras, mas ela demonstrava sempre indiferença e insatisfação com as orientações e as medicações prescritas. Mesmo se sentindo explorado pelo contexto clientelista-assistencialista, ele não queria perder a oportunidade de ganhar fácil o dinheiro da Prefeitura. Por isso, submetia-se ao servilismo da família dominante do poder local. O mérito de suas ações ia todo para o político que fazia questão de dizer que aquilo era favor, bondade e generosidade dele. Como retribuição de sua "grandeza" queria os votos. Assim, Severino tinha que conquistar a confiança dos pacientes e de seus familiares, transformados em massa de manobra, para votarem no político e nos candidatos indicados por ele nas eleições. Com o retorno de Bernardo, Severino pediu ao chefe para abrir um consultório para o filho na cidade de Patos. O chefe, como sempre fazia, prometeu atender o pleito e nada de concretizá-lo. Certo dia, dona Chicola foi pegar sal na cumbuca de estimação e ao enfiar a mão não pôde mais tirá-la. Girava de um lado para o outro e nada da mão sair. A munheca foi ficando roxeada e inchada e como a cumbuca tinha um valor inestimável, ela não permitia quebrá-la. Chamaram o filho político para convencê-la. Porém, ela estava irredutível: era preferível cortar a mão a danificar a cumbuca. Foi quando chegou Bernardo que medicava nos arredores da fazenda e com o boato espalhado veio

conferir o ocorrido. Chegou pedindo a bênção à madrinha em apuros e solucionou o problema com uma pergunta: - a senhora ainda está segurando o punhado de sal? Ela respondeu: - sim, estou. Ele recebeu: - então solte o sal e tente tirar a mão. Ela obedeceu e a mão saiu livremente. Para Dona Chicola, Bernardo superou, em distinção e sabedoria, o filho político. No calor das emoções e na presença de "todos", perguntou ao afilhado o que ele mais gostaria de ganhar. A resposta: um consultório médico equipado. Imediatamente intimou o filho político a abri-lo sem demora. Ele abriu a contragosto. Severino, que trabalhava com a família há anos, nunca recebeu reconhecimento igual. O consultório representou a independência política de Bernardo. Após 6 anos ele se tornou prefeito do município. A herdeira, temendo novas ameaças à munheca e à cumbuca, passou a tirar sal dela somente com uma colher de pau (SOUSA, 2017).

8 INFLUÊNCIAS NA MINHA FORMAÇÃO

Apreendi a resistir à situação de subserviência de morador que meus pais, semianalfabetos, tiveram que passar para ofertarem o melhor aos filhos. Sem dúvidas a influência deles na nossa formação é incalculável. As condições objetivas de vida que limitaram sonhos e dificultaram realizações. Mas eles com fé, perseverança e pertencimento em dias melhores, fizeram dos filhos sonhadores e amantes da educação. Buscaram bravamente, a vida inteira, sonhos inalcançáveis. E como isso foi importante para os filhos. Valho-me mais uma vez do genial poeta gaúcho, Mário Quintana (2006), em seu poema:

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

Lá em casa a vida gotejava na adversidade. A seiva do pertencimento do lugar parecia brotar em toda parte. E as esperanças e sonhos somados e partilhados, faziam a vida resistir. Individualmente ela sucumbia, tombava e/ou partia. Fomos fortalecendo laços de esperança e fé pela continuidade da vida e do conviver. Ganhávamos forças juntos.

A dor diminuía quando era repartida com o sentimento de pertencimento à família e aos outros moradores que resistiam à seca, à fome e à pobreza. Assim, continuamos caminhando em buscas de tais dias. Sem os resultados esperados, meus pais pareciam esvaecer da caminhada. Tudo parecia mais distante nos períodos de estiagem, mas o pertencimento de dias melhores havia contagiado os filhos. Foi esse enxergar das desigualdades e limitações das nossas condições de vida que me fez escolher e depois concorrer ao vestibular para Sociologia, buscando desvelar e compreender um pouco mais daquela / dessa complexa relação entre pobreza, fé, dominação, resistência e a esperança em dias melhores.

Como superar os empecilhos históricos de ascensão socioeconômica para ser reconhecido e considerado como “gente”, nos termos da fala repetida da minha mãe ao longo da nossa infância e adolescência: “estude pra ser gente”. A superação dessas amarras me fazia adentrar nas causas que determinavam ou influenciavam as minhas origens e vínculos afetivos da infância e adolescência. O pertencimento

ao futuro de esperança, talvez o que meus pais desejavam, seria a passagem da condição de morador para a de patrão, mantendo-se toda estrutura anterior inalterada.

Essa perspectiva negava a condição de morador naquilo em que explicitava os limites das condições objetivas de vida. Daí a vergonha e a negação de ser morador. Porque evidenciava a pobreza e a condição de frequentar com dignidade à cidade, por exemplo, em dias de festejos sociais e religiosos da gente dispor de roupas e calçados melhores para as festas da padroeira e a de São João.

Ainda, de alguns trocados para algumas “maravilhas” como as guloseimas e brincadeiras nas festas da padroeira (doces, balas, sorvete de máquina e voltas nos brinquedos do parque de diversão). Os patrões geralmente moravam nas cidades. Havia um desejo pelos encantos da cidade. Mas os encantos do sítio, da natureza, dos moradores e seus espaços estavam presentes. Não apareciam como contraditórios.

A gente não imaginava que na condição de patrão a gente fosse perder ou se distanciar dos nossos laços afetivos e de amizades com os outros moradores que estavam na nossa condição e que também desejavam serem patrões. Na verdade, o que a gente queria era ter um pedaço de terra para plantar e viver nela. Os outros também. A gente não queria perder os laços afetivos e de amizade. Os moradores poderiam continuar cultivando e cuidando da terra sem precisarem de favores e tutela de patrão. Assim, continuariam morando sem ser subjugados a ninguém.

O que parecia como ideal era a gente poder estudar na cidade, mas com transporte. E poder desfrutar dos seus espaços. Com menos carência de roupas e calçados. Poder participar das festas da padroeira e brincar no parque de diversão - dar umas voltas nos brinquedos como na roda gigante e no carrossel. Poder dispor de mais uns trocados para comer algumas guloseimas, referidas anteriormente. Para não ter que disfarçar a vontade e o desejo de saboreá-las que corroíam por dentro quando a gente passava perto das barracas da festa.

Nossos pais pareciam adivinhar para não nos expormos. Exigiam que voltássemos logo e não ficássemos tempo demais na praça central brincando e observando o movimento da festa, bem como aguçando o desejo por coisas que não teríamos como comprá-las.

Uma solução para os desejos e vontades contidas passava por outras vontades proibidas como a de almejar o modo de viver daqueles que tinham um pouco mais de condições. O exemplo era o da família proprietária da terra na qual morávamos. Queríamos ser um deles. Logo nas nossas brincadeiras, reproduzíamos as relações sociais de dominação que vivenciávamos. Queríamos ser o proprietário que muitas vezes falava ríspido com os moradores, ordenando-os que fossem mais rápidos nas suas tarefas diárias. Exigiam deles agilidades, habilidades e competências para além das suas condições objetivas de vida. O patrão negava o mínimo.

Aprendi a enxergar logo cedo que a vida não era fácil para os filhos de moradores. Queríamos ser como os filhos dos patrões que eram mimados pelos nossos pais e eles podiam, algumas vezes, ser ranzinzas e nossos pais não diziam nada, nem reclamavam. Algo impossível de acontecer conosco porque os corretivos viriam antes que pensássemos nessa possibilidade. Eles eram bem vestidos e usavam “roupas boas” para andar no “mato”. A gente só utilizava a única roupa melhor quando ia para a cidade; assistir a uma missa; quando era o escolhido para ir para a feira com o nosso pai.

A gente imaginava que eles tinham sempre disponíveis a qualquer hora comidas gostosas em casa e muitos brinquedos. O que para a gente era só em dias especiais, como em alguns domingos e/ou em alguma festinha familiar. Eram poucas vezes.

Comida gostosa para gente era, por exemplo, carne, macarrão, bolo, doce de lata, biscoitos sortidos e refrigerantes. Os preferidos eram coca-cola, guaraná e laranjada crush. Lembro-me que refrigerante a gente só tomava quando ficava doente. Uma espécie de mimo. Até hoje lembro com pertencimento do guaraná quente, fervendo, eu e meus irmãos tomando uns goles e se deliciando com apenas um copo pequeno para cada um. Lembro-me disso, por exemplo, quando pegamos sarampo, catapora e coqueluche. Todos de uma vez.

Nós crianças até gostávamos quando os filhos do patrão ficavam lá em casa no sítio. Minha mãe sempre se esforçava no almoço. A comida era diferenciada. Daí a gente sempre queria que os filhos do patrão viessem mais veze para o sítio. Era a certeza de comida boa. Cheguei a fazer orações pedindo isso.

Mais tarde a gente descobriu que nossa mãe passava muito sufoco quando o patrão tomava café e almoçava lá em casa. Porque comprometia nossos mantimentos, sobretudo, a mistura da semana. O que era para ser distribuído durante a semana, acabava-se em um ou em dois dias. Assim, minha mãe entrava no terreiro e a galinha caipira ou o guiné do almoço do domingo a gente ficava sem. Também os miúdos do gado e até um peixe minguado que se pegava no açude desapareciam rapidamente. Os períodos de estiagens eram os piores momentos.

Minhas orações surtiram efeito. Os filhos do patrão passaram a se afeiçoar lá por casa. E inventavam de dormir lá com mais frequência. Era uma alegria para nós irmãos e sufoco para nossos pais. Um dia o filho mais velho do patrão estava aprendendo a dirigir. E a noite teve um sonho dirigindo a caminhoneta do pai. Dormíamos de rede. As melhores redes da casa ficavam para as visitas.

Minha mãe armou a melhor rede. À noite, ele sonhando dirigindo, deparou-se com a vaca “sabiá”, que era muito mansa e de repente apareceu no seu trajeto. Ele no desespero, com a presença inesperada do animal na estrada, meteu o pé no freio com muita força. A rede, suponho que estivesse mofada, não suportou o impacto. Rasgou-se e ele caiu. Foi um desgosto para nossa mãe que queria a todo custo agradar o filho do patrão. O melhor do sonho foi que ele não bateu na vaca e ficou aliviado. Mas o estrago da rede entristeceu minha mãe.

Assim, como dito antes, a ideia que tínhamos sobre os filhos do patrão era de que eles, além das comidas gostosas, dormiam em camas e acordavam tarde. E, ainda, reclamavam da escola. Não trabalhavam e tinham empregada em casa que também faziam os seus gostos. Andavam de carro e visitavam locais interessantes.

A nossa vida era difícil e movimentada. Acordávamos cedo e tínhamos muitas tarefas antes de irmos a pé para a escola. Mais de cinco quilômetros de distância. Como dito antes, muitas vezes, pegávamos carona na ida. A vinda era mais cansativa, a hora do sol quente, meio dia. Tempos depois passamos a estudar à tarde e a ida era o horário do sol quente.

Diferente dos filhos do patrão, a gente gostava da escola. Talvez a dureza das atividades de casa e do roçado fizesse a gente criar laços de pertencimento à escola. Assim, o contexto de adversidades fazia a gente sonhar por dias melhores que teimavam em não vir. O período das estiagens esmagava os sonhos e

aumentava a distância da mobilidade ascendente. Aprendemos de pequenos que não era fácil ser rico.

Reproduzo abaixo, um artigo/crônica que escrevi há 10 anos no Diário de Pernambuco (2013), uma homenagem pertencida aos 50 anos de casados dos meus pais. É uma síntese da influência deles na formação dos filhos. Muito do que está escrito nele/nela está repetido nos parágrafos anteriores. Gosto de ser repetitivo e ter escrito essa homenagem.

Arte de Sonhar e viver

Um casal completou 50 anos de casados no último 12 de março: Siroval e Geralda. Moradores da zona rural do município de Malta, alto sertão paraibano. Semianalfabetos, sem prestígio, bens materiais e desconhecidos da mídia. Porém, doutores na vida e na arte de sonhar e driblar dificuldades. Seus maiores patrimônios: os valores e 10 filhos (6 mulheres e 4 homens). Os 5 primeiros nasceram em uma casinha de taipa, construída por eles. Não havia móveis e enfeites. Havia pobreza e adversidades. Ele, trabalhador do campo (sobrevivia do trabalho braçal, trato com o gado e roçado de algodão dos outros). Ela, trabalhadora do lar. Ele precisava percorrer, a pé, três léguas de distância para o serviço, por isso não dormia todas as noites em casa. Ela aguentava o tranco não deixando faltar aos filhos alimento e carinho. Em casa faltava vestimentas, utensílios domésticos e, nas secas, mantimentos. Mas sobravam sonhos e perseverança. Na seca dos anos de 1970 foram para São Paulo como retirantes, expulsos pelas precárias condições de vida e trabalho. Ele se empregou na construção civil e para complementar o orçamento trabalhava à noite de vigia. Ela cuidava das crianças que só avistavam o pai aos domingos porque ele chegava muito tarde e saía às 4hs da manhã com a marmitta pronta, preparada com amor por ela, e era apenas isso que esquentava a comida fria na hora da "boia" no canteiro de obras. Quase morriam de saudades. Ele voltou acidentado sem o dedo anelar e com uma certeza: nunca mais retornaria ao sul. Resistiria às novas estiagens com coragem, sem abandonar o torrão, como no início dos anos 80, alistado nas frentes de emergência, driblando a fome e outras privações. Ela brigando para dar formação aos filhos, mesmo a contragosto do patrão que afirmava ser desnecessária instrução para trabalhar no roçado e cuidar de gado. Como sertaneja teimosa e forte enfrentou com valentia o contexto adverso. Os meninos passaram a andar 5km a pé para estudar. Era preciso "ser gente". Estudavam num turno e trabalhavam noutro. O dia começava 3h30m da manhã e terminava 20h quando os corpos não resistiam mais. Nunca enjeitaram trabalho pesado. Ela, nesse processo, sempre deixou um psicólogo de prontidão para evitar traumas e problemas de indisciplina. O psicólogo mais famoso foi uma correia de motor, chamado Chico Duro.

Sempre teve mão segura na aplicação dos corretivos. E por mais que os filhos nas sessões com o psicólogo pedissem pela suspensão, ela fazia questão de ir até o fim para evitar novas recaídas. Mas nenhum dos filhos ficou traumatizado, doido ou com sequelas. Pelo contrário: dois têm doutorado, outro uma especialização, dois são bacharéis em direito, três estão na graduação e dois concluíram o ensino médio. O maior legado deixado aos filhos foi ensinar a sonhar e a se encantar por um mundo melhor. Sabiam que os sonhos encobrem pancadas, dificuldades e aproximam realizações. Mesmo assim, sofreram querendo oferecer mais aos filhos, embora tenham dado mais do que tinham e podiam. Acreditaram no milagre da melhora que teimou em não vir. O milagre surgido foi a capacidade de suportar e superar as adversidades. Assim, formaram os filhos em valores com firmeza e ternura. Hoje, os filhos agradecem e exaltam esses guerreiros que deram em abundância amor, retidão e vida no sentido amplo. E reconhecem: como foram felizes não tendo bens materiais, dinheiro e tantas outras coisas do mundo do ter. Que alegria e que saudades sentem agora! (Diário de Pernambuco, 27 de março de 2013).

9 ENTRADA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Confesso que foi uma alegria enorme passar no vestibular para Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba. Fui morar em Campina Grande. A vida continuou difícil, mas encantadora. O desvelar da realidade social acontecia aos poucos. Saí da região onde morava para conhecê-la mais e me tornar pertencido a todo encanto existente nela, mesmo a distância.

Trouxe a minha história, a da minha família e a de muitos invisibilizados do Sertão Paraibano. Histórias de apertos, sofrimentos e exploração. Também de alegrias, sonhos, esperanças e mudanças. De início percebi que a universidade pública ao mesmo tempo em que possibilitava uma abertura para o pensar e a transformação, possibilitava também a conformação da estrutura de exploração e dominação da realidade social vigente.

Um espaço pensado para uma elite e segmentos mais abastados. E não para pobres e excluídos. Estes pagam a maior parte da conta da universidade pública, mas o acesso a ela e o que nela é produzido lhes são historicamente negado e/ou limitado.

Conforme discorrido até aqui sobre a minha vivência no sertão Paraibano e com essa visão vem sendo elucidada, a opção pelo curso de Bacharelado de em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, Campus, Campina Grande, foi despertando em mim o desejo de conhecer mais as relações de poder e de permanência no poder político, sobretudo, no interior nordestino. Foi quando me debrucei sobre o fenômeno do coronelismo e escolhi como área de concentração do curso, a política. E meu trabalho de conclusão de curso foi um estudo de caso, sobre as práticas de controle do poder local no município de Malta/PB.

Minha vivência na graduação foi encantadora. Sou grato a muitas pessoas amigas feitas em Campina Grande. Aprendi muito com seus gestos, afetos e solidariedade ofertados a mim. Depois tive a felicidade de ser aprovado para o Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - e pude ampliar o estudo de caso trabalhando com a mesma temática do coronelismo e do poder local em Malta.

O estudo possibilitou a minha participação em seminários, congressos, simpósios e eventos (locais, regionais, nacionais e internacionais), apresentando entre outras modalidades comunicações orais, painéis, mesas redondas e palestras.

Ainda, publicações de artigos em revistas científicas, a exemplos dos artigos: "Discussão em torno do conceito de coronelismo" (1995); e "Práticas políticas utilizadas para o controle do poder em Malta-PB" (1997).

Importante reiterar que a minha convivência na graduação e no mestrado foi sempre pautada pela ajuda e a colaboração de muitas pessoas amigas, da família, de professores, orientadores e de instituições. Em 1994, fui apresentado à Igarassu-PE pela família de Pedro Costa. Encantei-me pelo lugar e pelas pessoas. Logo comecei a atuar como voluntário em projetos sociais no município.

A exemplo das atividades de leituras e contação de histórias em escolas públicas para crianças e adolescentes. Com o objetivo de ampliar ainda mais a temática do controle do poder político local e de considerar os estudos sobre o fenômeno do coronelismo como um norte para essa compreensão, pleiteei o doutorado em Sociologia na UFPE. Mais um sonho realizado.

Uma felicidade enorme poder dar continuidade aos estudos sobre esse fenômeno em outro estudo de caso, agora em Pernambuco, no interior do Estado, no município de Petrolina. Município que há muito vem sendo controlado politicamente pela família Coelho. E em 2001, defendi a tese de doutorado, intitulada: "As práticas do coronelismo: estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina- PE".

Registro nessa passagem a vergonha e a decepção que fiz minha mãe passar por conta do meu doutorado. Um dos sonhos da minha mãe era que entre os filhos tivesse um médico e um advogado. Ela queria ter filhos doutores. Não importava se homem ou mulher. Ela nunca entendeu o que é estudar para Sociologia. Continuei estudando e o meu irmão mais velho inventou de falar que eu estava me tornando doutor. E para os meus pais doutor era médico ou advogado.

Como falei no início desse memorial, passei mais de 10 anos acordando às 3h30min da manhã para ordenhar. As condições objetivas de vida influenciam nos sonhos. E um dos meus sonhos era poder acordar com o sol nascido. E durante esse período eu não pude. Tinha que dormir todos os dias em casa. De domingo a domingo.

Finalmente, defendi o doutorado em Sociologia e viajei para a pertencida casa dos meus pais. Parti sabendo que minha mãe se encontrava em estado de alegria e de felicidade nunca externado antes por conta desse título de doutor.

Cheguei de madrugada, meu pai se levantou e fez o café que o cheiro chegou à rede. Café que tantas vezes me despertou. Ele pegou os vasos para se dirigir ao curral e fez um comentário jocoso com o meu irmão que agora ocupava meu lugar: “tem gente importante que agora é doutor e que não quer saber de tirar leite”. Ouvi a provocação e preferi ficar na rede. Pensei: hoje só me levantarei quando o sol nascer.

O sol não tinha nascido quando ouvi um converseiro. Percebi que eram de muitas pessoas. Nisso uma irmã me chamou. O pessoal queria falar comigo. Atordoado e sem entender o porquê daquela visita tão cedo, levantei-me. Foi quando descobri que, primeiro, estava cheio de dívidas com os Santos “poderosos” da região.

Existe um costume dos devotos católicos fazerem promessas invocando aos Santos realizações para os seus entes queridos. Quando alcançadas os beneficiados são os responsáveis pelos pagamentos (mandar celebrar e assistir missas e terços; fazer visitas a pé aos cruzeiros dos Santos invocados, entre outras penitências).

Descobri que só consegui concluir o doutorado porque Santos da envergadura de Nossa Senhora da Conceição, São José, São João Batista e Santa Francisca intercederam por mim. Os meus méritos diminuiriam consideravelmente.

Tive que pagar promessas fazendo caminhadas longas de até 30km - e orando muito durante o percurso. Ainda negocieei com os fazedores das promessas para nas caminhadas mais distantes voltar de carro. Não queria desentendimentos com os Santos. Minha trajetória já era resultado de muitas ajudas.

E fui colocado à prova como doutor. Dona Sebastiana, uma das 25 senhoras do grupo, foi logo me abraçando e expressando seu afeto e fazendo seu pedido nesses termos: “é uma bênção ver meu filho se formar em doutor. Rezei muito e fiz promessas para essa graça ser alcançada. Vou lhe pedir uma coisa”.

Pensei comigo: ela vai pedir dinheiro e eu não tenho. “Já faz uns 15 anos que comecei a fazer um tratamento em Patos, depois me mandaram para Campina Grande e até para João Pessoa, e não consigo ficar boa”. E relatou que sentia muitas dores nas costas e em todo o corpo. Tinha feito vários exames e tomado vários remédios. E a esperança estava com o doutor que ela viu crescer.

Fui ficando sem fala e ela continuou: “aquela ali é cunhada da minha filha. Teve complicações no parto e não melhorou. Aquela branquinha tem o juízo fraco e

também veio na esperança de ficar boa”. Quando foi apontando para a quarta pessoa, eu falei: Dona Sebastiana eu estudei, mas foi para outras coisas. Minha sorte foi uma filha dela dizer: “o doutor ainda é novo e não sabe muita coisa”. Na verdade, não sabia mesmo. Inclusive, nem prescrever comprimidos de cibalena ou cibazol que em toda casa tinha em seus kits de medicamentos.

O doutorado em Sociologia não servia para nada naquele momento. Uma decepção para minha mãe que tinha espalhado a notícia na localidade que tinha um filho doutor. Naquele final de semana tinha ficado de passar umas 80 pessoas para se medicar com o recém-doutor. Meu irmão mais novo teve que se esforçar para demover os grupos de pessoas que ficaram de passar.

Antes que pudesse experimentar algum embevecimento com o título de doutor, experimentei sua pouca serventia para problemas urgentes de pessoas carentes. Essa foi uma grande lição de humildade.

Durante minha permanência no mestrado e no doutorado, outras temáticas de estudo foram despertando o meu interesse, a exemplo dos meus estudos acerca dos clássicos da sociologia: Marx, Durkheim e Weber, resultando em trabalhos publicados, como: "O individualismo metodológico de Marx: notas sobre O 18 Brumário" (2003); "Discussão e atualidade do instrumental teórico-metodológico de Durkheim" (2002); "Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica" (1999).

Em 2002, passei a lecionar na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO) e na Faculdade de Igarassu (FACIG). Neste período, acentuei minha atuação em projetos sociais envolvendo meus alunos nessa construção, visando despertar neles o sentimento de solidariedade e cidadania. Na FACIG, coordenei diversas Ações de Extensão e idealizei a Sexta-Feira Cultural, espaço de apresentações artístico-culturais, voltado para a promoção de grupos e artistas locais.

Em 2006 passei no concurso público para professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E passei a desenvolver projetos de pesquisa e extensão na Região Metropolitana do Recife nas áreas de meio ambiente, educação, cidadania e cultura.

Tenho atuado em vários cursos de graduação na UFRPE, entre eles: Agronomia, Administração, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Ciências do

Consumo, Economia, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Medicina Veterinária e Zootecnia. E no que tange as disciplinas ministradas, as recorrentes são: Sociologia Rural, Fundamentos de Sociologia Rural, Introdução à Sociologia, Teorias Sociológicas Clássicas, Metodologia Científica, Sociologia do Trabalho, Sociologia da Comunicação, Organização de Trabalho Científico e Métodos Qualitativos de Pesquisa Social.

Em todas as disciplinas que ministrei e venho ministrando além de buscar cumprir os conteúdos disponibilizados nas ementas e nos próprios programas de curso, procurei e procuro sempre construir uma disciplina dialogada, participativa e contextualizada com a realidade política, cultural e socioeconômica da região e do país. E tendo sempre como um dos objetivos despertar nos estudantes o gosto e o entusiasmo para a análise dos fenômenos e problemas sociais a partir da abordagem crítica.

Paralelo as atividades acadêmicas desempenhadas na UFRPE, em 2010, ajudei a fundar a Academia Igarassuense de Cultura e Letras. De lá para cá, na Academia, tenho ajudado a construir a cena cultural de Igarassu. Assumi a presidência da Academia no período de 2013 a 2016. Período em que intensificamos a presença da academia nas escolas públicas e estimulamos a promoção entre outras atividades, palestras, colóquios, cafés literários, concursos poéticos, campanhas nacionais como a do "Dia de ler é todo dia". Além disso, ajudei a construir o concurso "Igarassu em Cores e Versos" que atualmente está na sétima edição. O objetivo do concurso é difundir a cultura, descobrir talentos e estimular a produção literária, especialmente do povo igarassuense. O concurso é destinado a todos os estudantes da educação básica e suas modalidades das redes pública e privada do município.

Entre 2015 e 2016 assumi a Secretaria de Turismo e Cultura de Igarassu. Busquei na Secretaria desenvolver um trabalho de forma participativa e aberta ao diálogo e sempre na preservação da tradição, da história e do patrimônio cultural do município. Também, da valorização dos artistas e grupos culturais locais. Iniciamos a construção do Sistema Municipal de Políticas Culturais. Atualmente sou do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Igarassu, no seguimento Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico, eleito pela sociedade civil. E estou na presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Igarassu.

Também quero apontar minha participação pertencida ao Sindicato dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (ADUFERPE). Assim que entrei na Universidade procurei me filiar. E tenho procurado participar ativamente das atividades do Sindicato. Durante esse período, tenho participado com frequências das reuniões locais e em períodos distintos participei de encontros regionais e em Congressos nacionais do ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior). Tem sido uma construção esperançosa.

E um dos momentos que merecem registro, foi a greve de 2012. Uma das mais longas da história das greves da UFRPE, durou quatro meses. Fiz parte do comando local de greve. Todas as demandas das greves encampadas pelo nosso Sindicato foram sempre para além das condições de trabalho e de planos de cargos e salários. Incluíam a defesa da universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Destaco, ainda, com alegria na ADUFERPE as nossas intervenções poéticas, onde tive a oportunidade de recitar poesias que acredito terem ajudado no fortalecimento da luta por uma Universidade mais justa e pertencida a toda sociedade.

Outro registro esperançoso na ADUPERPE foi quando eu e a professora Sandra Helena Dias de Melo, do Departamento de Letras, fomos escolhidos para sermos os editores do Caderno nº 02 da ADUFERPE que teve como título: “As visões sobre a universidade pública nos programas das chapas concorrentes na primeira eleição direta para reitor da UFRPE em 1986”.

Ainda, considero merecedor de registro o curso de Extensão construído por muitos professores, de vários departamentos da UFRPE, e que ele se materializou no âmbito do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, ministrado nas dependências da ADUFERPE, intitulado: “O golpe de 2016 e o futuro da democracia”.

Assumi a coordenação geral do curso que foi inspirado em solidariedade ao professor Luís Felipe Miguel da UNB, que havia proposto o primeiro curso da temática no país e que recebeu ataques de censura por parte do então Ministro da Educação, Mendonça Filho, daqui de Pernambuco, do Governo Golpista Michel Temer. Fruto dessa construção, assumi a organização do Dossiê de igual título do curso de extensão, publicado na Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE de número 13, em 2018.

Durante toda minha trajetória acadêmica, tive a alegria de construir orientações, coordenar projetos de pesquisa e de extensão, escrever livros, artigos e capítulos de livros sobre poder local, turismo, cultura, educação e cidadania. Cito com pertencimento os livros: “Memórias da seca – o ano que não quis passar” (2004), “O baile de camarada onça e outras histórias” (2005), “O roçado” (2007); “As ciências sociais em perspectiva” (2011), “O sertão em memória de infância” (2013) e “10 crônicas sertanejas” (2017). Reforço o que venho falando, a minha vida é resultado do pertencimento e do acolhimento de muita gente.

10 VISÃO DE UNIVERSIDADE

Repito que a (in)significância da minha caminhada é fruto principalmente da contribuição de muitas pessoas anônimas, comuns, invisíveis que de diferentes maneiras e em momentos específicos conviveram comigo, acompanharam minha trajetória, orientaram-me e repartiram comigo momentos felizes e difíceis sem cobrarem o preço da sociedade do espetáculo e do consumo. A elas, reitero, minha solidariedade, meu reconhecimento e gratidão.

Na contramão do modelo de universidade pública que vem sendo implantada, minha compreensão de universidade pública no que tange a construção do conhecimento e a formação de pessoas sempre esteve na valorização dos aspectos coletivos, públicos, participativos, qualitativos e subjetivos do que é construído e formado. Essa é uma essência do nosso trabalho docente que recebeu nos governos passados (Temer e Bolsonaro) violentos ataques. E essa visão vem sendo desestimulada pela lógica mercadológica da educação.

Assim, minha caminhada de vida dependeu sempre de “muita gente” como bem definiu o magistral poeta Gonzaguinha, na estrofe da belíssima composição, intitulada “caminhos do coração” (1982):

“(…) E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas (...)”.

E considerando o que foi dito antes, esse é o meu sentimento de pertencimento e de gratidão a tantas pessoas, contextos, instituições e coletivos que me influenciaram em momentos diversos e de diferentes maneiras durante esta caminhada.

Um dos objetivos principais da universidade pública a ser buscado, fiscalizado e conquistado é o de produzir e tornar acessível o conhecimento; gerar pensamento crítico, reflexivo e autônomo; sistematizar e articular saberes, visando à formação integral (humana e profissional) das pessoas na construção de uma sociedade justa, livre, igualitária e democrática. Considero relevante para a concretização desse objetivo o fortalecimento do princípio 207 da Constituição Federal que trata da

autonomia universitária considerando a indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa.

Esse momento, a defesa do memorial, é um rito da meritocracia que há muito se abriga nos espaços hierárquicos das academias. No entanto, com a desvalorização da profissão do magistério superior federal nos últimos anos, a exemplo das perdas de direitos e garantias com as reformas trabalhista e previdenciária que comprometeram enormemente nosso plano de cargo e carreira e, ainda, nossa aposentadoria, somados aos ataques à autonomia universitária e à liberdade de cátedra, essa passagem para titular ocorre com perdas de direitos e perdas de áurea acadêmica. Esta última parece salutar. Embora estejamos vivenciando um novo esperançar com a volta do governo Lula.

Exige-se do memorial a descrição das nossas atividades e produções acadêmicas no que tange ao ensino, à pesquisa e à extensão, com comprovações, de toda nossa existência na Universidade. Certamente, muitas atividades e produções importantíssimas ficam de fora porque não podem ser descritas ou comprovadas, somente sentidas e reconhecidas pela convivência. Essa é uma essência que não se pontua nos baremas institucionais. Talvez a mais importante.

Assim, aquilo que é pontuado, algumas vezes, mesmo sendo interessante na essência pelo sentido e significado, perde-se em subjetividade, diversidade e pluralidade. A lógica burocrática do controle, objetiva e transforma quase tudo em números.

No ensino, por exemplo, são contabilizadas as várias disciplinas, cursos e minicursos que foram ministrados e desenvolvidos para diferentes cursos e públicos durante nossa passagem na universidade. Mas não se leva em conta as reflexões, repercussões e impactos coletivos advindos dessas atividades. Assim, tenta-se objetivar e quantificar aquilo que por natureza é subjetivo.

Como dito anteriormente, reforço que a natureza dos nossos trabalhos, ações e serviços desenvolvidos na Universidade Pública em geral, realizam-se, sobretudo no âmbito do coletivo, do qualitativo e da interdependência. E somos avaliados pelo particular, o independente e o quantitativo.

Assim, essa abordagem sobre a natureza das nossas atividades acadêmicas, vem sofrendo muitos ataques do mercado e do governo no sentido de promover a mercantização da educação e de acelerar o processo de privatização da Universidade Pública. Os terceirizados hoje são uma realidade.

A lógica predatória e competitiva do mercado estimula o famigerado “produtivismo acadêmico” em que as atividades de pesquisa como as orientações, os artigos científicos e culturais, os livros, capítulos de livros, as participações em seminários e bancas examinadoras, os congressos, simpósios e conferências se dão, sobretudo, no âmbito da pós-graduação.

E são os mais pontuados nos baremas instituídos, principalmente em momentos de avaliações para concorrer a bolsas, progressões e concursos públicos. A construção dessa lógica dentro da Universidade Pública nem sempre foi ou está sendo pensada e elaborada de forma participativa, transparente e dialógica. Nem também no sentido de valorizar, fortalecer e referenciar a participação da comunidade acadêmica e da comunidade extramuro nesse processo.

O governo Bolsonaro atentou despudoradamente contra a importância social e política da Universidade Pública, procurou o tempo todo interferir na sua autonomia e desqualificá-la perante a sociedade. A lógica produtivista vem sendo posta de cima para baixo. É um processo burocrático, individualizado e competitivo que vem causando adoecimento e mortes de docentes, técnicos administrativos e discentes. Sobrepondo-se à lógica esperada da cooperação, da partilha e da defesa do público.

Desta forma, a natureza dos trabalhos e serviços prestados pela Universidade Pública vem perdendo sua essência de Universidade para dar lugar a particularidade e a de fragmentação. É uma visão perversa e excludente. Como dito antes, projetos financiados com bolsas se dão principalmente no âmbito da pós-graduação. Na graduação têm-se alguns programas, como o da iniciação científica que para concorrer a uma bolsa para discentes, exigem-se critérios e pontuação alta nos baremas instituídos.

Logo, docentes fora de programas de pós-graduação dificilmente terão orientações e projetos de pesquisa aprovados e financiados pelos órgãos de fomentos (FACEPE, CAPES, CNPq). Também terão dificuldades para publicar em revistas científicas conceituadas. Entretanto, mesmo que desenvolvam uma enormidade de outras atividades de natureza qualitativa e de caráter indissociável, importantíssimas para a formação dos nossos discentes, serão sempre invisibilizados. A luta para se montar um programa de pós-graduação em ciências sociais na UFRPE já passa de uma década. Tem sido difícil, pois não é do interesse

do governo federal, nem do mercado e, ainda, nem da própria universidade que coloca muitas barreiras para o processo caminhar.

Retomo a compreensão que carrego enquanto horizonte da formação universitária no sentido de considerar as atividades acadêmicas, sobretudo, no âmbito do princípio da indissociabilidade. Porém, o que vem sendo construído é cada vez mais o princípio da separação e da superioridade das atividades de pesquisa, diga-se, muitas vezes, selecionadas e impostas por um pequeno grupo de pares embevecidos pelo fascínio do mercado e do capital que terminam se encantando com os baremas e se afastando da essência e das demandas da sociedade.

Como apontado, as atividades de extensão são as mais desvalorizadas nos baremas e nas distribuições de recursos financeiros das universidades públicas, embora sejam as que se apresentam com os maiores potenciais para a construção da indissociabilidade e para o processo da transformação social. Um dos seus potenciais está na possibilidade do diálogo extramuros com as camadas populares mais carentes e os movimentos sociais.

Assim, define-se o universo da extensão como um processo educativo, cultural, político e científico – responsável pela interação entre teoria e prática, ensino e pesquisa, universidade e sociedade – que surge de forma indissociável à pesquisa e ao ensino e acaba sendo dissociado, desvalorizado, principalmente, quanto à distribuição de recursos e pontuação nas progressões e promoções. O pouco reconhecimento que as atividades de extensão recebem, termina desestimulando docentes, discentes e técnicos (as) a desenvolverem atividades de extensão no processo formativo e de trabalho.

Uma concepção de extensão é a da perspectiva assistencialista e clientelista. Nessa visão somente a universidade leva ou oferta alguns serviços à comunidade. Esta tende a se comportar nesse processo de forma passiva e sem autonomia. A própria universidade diz na sua narrativa que Extensão não é assistencialismo nem uma atividade complementar às ações da universidade, ou apenas um meio de atender às demandas da sociedade frente ao seu alheamento, como por exemplo, integrar-se à promoção da cidadania e da inclusão social, ao combate à fome, à miséria e ao enfrentamento às desigualdades. Também afirma que não é um simples repasse de informações técnicas e/ou acadêmicas. Porém, acaba reproduzindo, muitas vezes, práticas assistencialistas / clientelistas e do simples

repassa do conhecimento sem a escuta e a participação da sociedade. Extensão é para ser concebida sempre como atividade produtora de conhecimentos e formadora de pessoas reflexivas e autônomas, pertencidas a uma formação humanística, crítica e cidadã.

As universidades públicas estão aprovando sem muita discussão e recursos o que se denominou chamar de curricularização da extensão – processo que consiste na adequação dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) para garantir um percentual mínimo (10% de atividades de extensão) na carga horária dos cursos de graduação, em atendimento à Resolução nº 7, de 2018 do Conselho Nacional de Educação.

É importante a redefinição dos parâmetros da produção acadêmica e dos componentes curriculares sobre um maior equilíbrio entre o tripé fundante, já que as atividades de extensão são dependentes, sobretudo, de política de editais internos (descontínuos) de cada universidade.

Os editais nacionais foram retirados, A universidade pública precisa superar a lógica mercadológica/produtivista que homogeniza e invisibiliza ações e pessoas, transformando-as em coisas/objetos/mercadorias e descartando-as quando perdem “valor” e “prazo de validade”. É imperativo, no ambiente multirreferencial, interdisciplinar e plural da universidade, reforçar uma nova visão de extensão, sobretudo, no respeito à dignidade, à liberdade de expressão e à complexidade da pessoa humana.

Portanto, um desafio da extensão está no compromisso da universidade no que tange ao desenvolvimento local e regional sustentáveis, às questões sociais, aos problemas da globalização e ao processo de construção da cidadania (SOUSA, 2009).

Volto à compreensão do principal objetivo e desafio da universidade pública, o de produzir e tornar acessível o conhecimento crítico, autônomo e transformador; formando para cidadania no sentido de uma sociedade mais justa, livre, democrática e feliz. Esse processo no que tange a promoção da cidadania e da inclusão social passa pela democratização do acesso e a permanência na universidade pública. Também, pela elevação da qualidade científica, tecnológica e artístico-cultural produzida e, ainda, pela resignificação do tripé indissociável que compõe a formação universitária: ensino, pesquisa e extensão.

A lógica produtivista vai contra a essência do que seja uma comunidade acadêmica, uma universidade, onde as diferentes áreas, estruturas, dimensões e sujeitos são regidos pelos princípios da diversidade, da pluralidade e da interdependência que se entrecruzam cotidianamente, fazendo com que a essência de cada área só seja compreendida e considerada a partir desses entrecruzamentos com as outras áreas e universos e na observância a tais princípios, sobretudo, o da participação e o da transparência. Embora que a lógica verticalizada e burocrática da estrutura organizacional da universidade pública contribua para individualização e separação das diferentes áreas.

Há também as atividades administrativas com pouca significância na pontuação dos baremas para progressão e promoção, porém, importante no que tange às relações de poder e de controle da estrutura organizacional. Essas relações, apesar de sua organicidade e interdependência, dão-se, sobretudo, de formas segmentadas, conflitantes, individualizadas, personalizadas e, muitas vezes, com atuações disfuncionais. A disfunção parece ser a regra com a inapetência ao contexto dialógico e participativo.

A perspectiva da formação universitária nos termos da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão vem se tornando mais e mais distante. A autonomia universitária vem sendo erodida por “novos” instrumentos de controle às atividades acadêmicas com um intenso grau de burocratização e individualização das atividades de trabalho.

O princípio constitucional 207, já referido, que afirma que as universidades gozam de autonomia administrativa, didático-científico e de gestão financeira precisa ser vigiado e fortalecido todos os dias. Nunca a autonomia universitária foi tão atacada e violentada nos últimos anos pelo governo federal e pelas imposições do mercado e do capital.

11 CARTA E POESIA A PAULO FREIRE

Encaminho-me para um desfecho desse memorial incorporando duas construções que considero esperançosas e significativas tanto para minha formação como para constar como corpo nesse memorial. As duas construídas em 2021. A primeira publicada no livro, “Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar”, (SOUSA, 2021, p. 306 a 308), intitulada: “A boniteza de ser professor”.

Caro educador Paulo Freire,

Inspirado em seu exemplo esperançoso, busco nesta carta discorrer sobre o que é ser professor, indagando-lhe se os parâmetros tomados aqui, baseados nos seus ensinamentos, são válidos ainda hoje para essa compreensão. Afirmo, de início, que é difícil e complexo esse desafio. Primeiro, porque, como o mestre mostrou, a essência e a realização do professor se dão mais no campo da subjetividade – do sentir, dos afetos, das emoções, das intuições, das paixões, dos sonhos, do amor – do que no campo da objetividade. Segundo, porque não se consegue descrever isso em sua inteireza com a racionalidade instrumental/cartesiana e nem com palavras, a não ser que elas estejam “grávidas de mundo”.

Assim, baseado nos seus escritos, passei a compreender, na minha experiência, que ser professor foi sempre sonhar para além da realidade imediata em que estava inserido. Realidade essa de apertos, dificuldades e dominação. Também de sonhos, seiva e vida no sentido amplo. Como filho de agricultores da zona rural do alto sertão paraibano, as dificuldades foram muitas, como são as histórias de muitos sertanejos. Meus pais são semianalfabetos. Fomos retirantes de seca, buscando a sorte de uma vida melhor, no sudeste do país – em São Paulo.

Confesso, mestre Paulo Freire, que ser professor foi minha primeira grande alegria e a realização de um “sonho”. Aprendi a sonhar para ensinar outras pessoas a sonharem, a resistirem a essas amaras de exploração e opressão.

Observando sua trajetória compreendi que ser professor é aprender a ensinar, a sonhar, a lutar (cotidianamente) e a se encantar com a construção de uma vida melhor. De se vislumbrar um mundo mais humano, mais digno e mais feliz. De se buscar uma educação mais inclusiva, emancipadora e esperançosa; uma educação promotora da liberdade, da cidadania e da democracia; uma educação pelo fim das desigualdades e injustiças sociais. Como você nos ensinou: ser professor é um ato de amor e um ato esperançoso do verbo esperar. É um ato de lutar pela transformação social e de buscar compreender os sentidos e os significados da realidade social a partir da nossa inteiração.

Mestre Paulo Freire, ser professor de sociologia no Brasil, o contexto atual da pandemia da covid-19, com mais de 240 mil mortes, até o momento, escancara a falta de humanidade por parte do governo federal e evidencia práticas fascistas e genocidas. Desde o início desse governo, têm sido frequentes os ataques à educação, às universidades públicas, à ciência, aos direitos humanos, ao SUS, aos servidores públicos. Também, o governo federal vem atentando contra as liberdades democráticas e a vida. E se posicionando a favor do capital, do mercado, da retirada de direitos e pelas privatizações

das nossas empresas públicas. Inclusive, vem dando passos largos para privatizar as nossas universidades públicas. O desemprego está crescente, as fakes news são os parâmetros da “sua” verdade e da “sua” justiça. Por essa razão, mestre Paulo Freire, torna-se mais imperativo resistir às desigualdades e as formas de dominação que são tantas; também é imperativo dar visibilidade a essas desigualdades, buscando superá-las.

Assim, nesses tempos difíceis, mestre, ser professor é um ato pertencido de amor para além da esfera do ter; do status, do prestígio, da honra. É um ato de pertencimento a esfera do ser, dos valores, das esperanças, dos afetos, dos sonhos e das utopias. É um ato de vocação e sacerdócio pelo que se faz. É ato de paixão pela profissão.

Portanto, ser Professor é uma busca constante pela felicidade e pelo bem estar social. É uma construção coletiva no sentido de ajudar a colorir o mundo transformando-o em um lugar melhor para se viver e conviver – sempre com mais educação, arte, cultura e poesia. Assim, ser professor é poder ajudar a sonhar e a lutar por uma sociedade mais justa, fraterna, humana e feliz.

Com amor e carinho.

Como expressei na carta ao mestre Paulo Freire, sou feliz no meu caminhar. A segunda construção foi o poema que escrevi em sua homenagem referente ao centenário de nascimento, publicado na Revista **Estudos Universitários** da UFPE (2021): “Pertencimento à esperança”

Pertencimento à esperança

Quem ensina tem essência
 Que é ensinar com paixão
 Ensinando se aprende
 As grandezas da lição
 Supera seu ser passivo
 Encontra o sujeito ativo
 Lutando contra a opressão

Paulo Freire nos ensina
 Pensar além do possível
 Fazer a leitura do mundo
 Daquele mundo invisível
 Que cristaliza a pobreza
 Mata, explora a natureza
 Que parece intransponível

Porém aponta o caminho
 Que precisamos buscar
 Juntando outras pessoas
 Visando o mundo mudar
 Resiste à exploração
 Com cultura e educação
 Sem perder o esperançar

Ver a educação bancária
 Que é pra se depositar
 Discente é cofre vazio
 Recebe sem contestar
 Tudo que é depositado
 Fica sempre alienado
 Sem poder se libertar

Assim, ele nos inspira
 Uma educação inclusiva
 Semeando esperança
 Na dimensão coletiva
 Mais diversa e mais plural
 Livre e mais integral
 Mais feliz, participativa

O discente é atuante
 Discute a realidade
 Docente conduz a aula
 Sem ser dono da verdade
 O debate é dialógico
 A vida com o teórico
 Sem perder a autoridade

Portanto uma educação
 De vez emancipadora
 Centralizada nos pobres
 Com força libertadora
 Focada em cidadania
 Construindo com alegria
 A práxis transformadora

Emancipa os oprimidos
 Contra toda exploração
 Estimula a ação política
 Com justiça e comunhão
 Um mundo mais amoroso
 Solidário e esperançoso
 Vindo pela educação

Seu legado mestre Freire
 É uma semente plantada
 Mesmo com os desafios
 Será sempre bem cuidada
 Com amor e esperança
 É a raiz da mudança
 Da utopia semeada

Fonte: João Morais de Sousa, 2021.

12 CONCLUSÃO

Concluo reafirmando meu encanto pela educação pública do Brasil. Exalto aqui meu pertencimento à nossa Universidade Federal Rural de Pernambuco que sempre me acolheu dignamente, apesar da sua estrutura burocrática. Considero que sua essência será sempre fortalecida quando se considerar no seu processo decisório não só os interesses dos seus segmentos docentes, discentes e técnicos, ainda que construídos coletivamente, mas a partir de uma visão contextualizada, envolvendo uma participação mais ampla de outros segmentos da sociedade, a exemplo dos movimentos populares. Reforço que essa participação tem que ser construída de forma horizontalizada, autônoma e interdependente.

Reforço que os saberes populares não devem ser inferiorizados em relação aos saberes acadêmicos, pelo contrário, devem atuar mantendo sua autonomia, com toda sua diversidade de crenças, tradições, culturas e formas de expressão. Sem que isso comprometa sua participação, mas que seja a essência e a grandeza dela no sentido de ser centralidade no processo de construção, não ficando à margem do pensamento e do conhecimento das universidades e/ou outras instituições formais.

Assim, a universidade pública deve ocupar uma posição mais potente no sentido de possibilitar estudos e pesquisas com esses segmentos que desvelem o contexto histórico de opressão e dominação, incluindo o Estado nesse processo de exploração, a fim de formular políticas públicas afirmativas que combatam e corrijam distorções históricas, promovendo cidadania e inclusão social.

Quando me refiro aos seguimentos excluídos, refiro-me ao movimento negro, dos povos indígenas, das comunidades quilombolas/tradicionais, dos sem tetos, dos sem terra, do LGBTQI+, do movimento feminista, dos povos das águas, do povo cigano e demais movimentos populares do campo e da cidade que lutam e por inclusão e justiça social.

A universidade pública não deve ser a única voz e nem a detentora das verdades nesse processo. Mas, mediadora de uma construção coletiva, participativa, horizontalizada e transparente.

Concluindo esse memorial afirmo que o professor / educador que sou hoje (sobretudo no que tange as relações humanas e as visões de mundo) tem muito dessas vivências experimentadas muito antes de entrar no ensino superior. As minhas origens me protegem do embrutecimento e das vaidades da sociedade do

consumo e da lógica meritocrática construída na universidade. Porém, foi na universidade pública que pude refletir e me sentir pertencido a minha história que é a de milhões de outras pessoas invisibilizadas, inferiorizadas e engolidas pelas estruturas de dominação socioeconômicas, culturais e políticas do mercado neoliberal.

Assim, sou grato a UFRPE por me oportunizar a sonhar, a esperar e a lutar por outra sociedade onde a universidade possa ser mais democrática, humana, solidária e feliz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo de Almeida. **A bagaceira**. 27ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ANDRADE, Maria Alonso de. **Clientelismo e máquina estatal nas eleições de 1982**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1982.

_____. **Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências**. Fortaleza: Editora Universitária da UFC, 1986.

_____. “Coronelismo x clientelismo”. In: SIQUEIRA, POTENNGY e CAPPELLIN (Orgs.). **Relações de trabalho, relações de poder**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1997.

_____. Neo-coronelismo e perspectivas eleitorais na Nova República. João Pessoa: textos UFPB/NDIHR, n.º 12, 1985.

_____. **Cultura política, identidade e representações sociais**. Recife: Editora Massangana, 1997b.

ASSARÉ, Patativa. **Canta lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. 13ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CARONE, Edgard. **A República Velha I**. 4ª Ed., São Paulo: DIFEL, 1978.

CASTRO, Josué de Castro. **Homens e caranguejos**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira do romantismo ao simbolismo**. VII Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

CARVALHO, Rejane M. Vasconcelos. “Coronelismo e neocoronelismo: eternização do quadro de análise política do Nordeste”. In: SIQUEIRA, POTENNGY e CAPPELLIN (Orgs.). **Relações de trabalho, relações de poder**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1997.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Os Feitosas e o Sertão dos Inhamuns**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. Aracaju: UFS, 1987.

FEITOSA, Severino Nunes. **Voltando à minha terra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R0M1rXZKX6o>, 2017. Acesso em: 14 de fevereiro 2023.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 9ª ed. (v.1 e 2), São Paulo: Globo, 1990.

GALHOZ, Maria Aliete. **Fernando Pessoa: obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1998.

GONZAGUINGA. **Caminhos do coração**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CaNMouX_QKg. Clipe de 1982. Acessado em 18 de março de 2023.

JANOTTI, Maria de Lourdes M.. **O coronelismo: uma política de compromissos**. 8ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5ª ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

JORNAL GRANDE RECIFE. **Lembrar é viver**. Maio de 2019,

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **Família, tradição e poder: (o)caso dos coronéis**. São Paulo: ANNABLUME/Edições UFC, 1996.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba** - um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LUNA, Luiz; BARBALHO, Nelson. **Coronel dono do mundo**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983.

MARTINS, Paulo Henrique. "Coronelismo, poder burguês e movimento populares". In: **Presença** nº 5, p. 139 – 147. São Paulo: Editora Caetés Ltda, 1985.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina: e outros poemas**. Rio de Janeiro: ALFAGUARA, 2007.

PALACÍN, Luís G.. **Coronelismo no extremo norte de Goiás**. São Paulo: Loyola, 1990.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias - 1989-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1979.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: obra poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida política brasileira**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

QUEIROZ, Raquel de. **O quinze**. 77ª Edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

QUINTANA, Mário. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2006.

RAMOS, GRACILIANO. **Vidas secas**. 140ª Edição. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2019.

SILVA, Márcia Karina da e SOUSA, João Morais de. **As ciências sociais em perspectivas**. Recife: EDUFRPE, 2011.

SOUSA, João Morais de e LOPES, Rogério Ribeiro. **A natureza na voz dos cantadores**. Recife: EDUFRPE, 2009.

SOUSA, João Morais de. **Coronelismo em Malta: práticas utilizadas para o controle do poder local - 1953 a 1992**. Dissertação de mestrado em Ciência Política defendida na UFPE em 1995.

_____. **As práticas do coronelismo: estudo de caso sobre o domínio político dos Coelhos em Petrolina – PE**. Tese de doutorado em Sociologia defendida na UFPE em 2001.

_____. **Memórias da seca: o ano que não quis passar**. Taubaté/SP: Cabral Editora Universitária, 2004.

_____. **O roçado**. Recife: UDUFRPE, 2007.

_____. **O baile de camarada onça e outras histórias**. Recife: Edições Bagaço, 2005.

_____. O individualismo metodológico de Marx: notas sobre O 18 Brumário. In: **Travessia** (São Paulo), p. 113-124, 2003.

_____. Discussão e atualidade do instrumental teórico-metodológico de Durkheim. **Travessia** (São Paulo), p. 95-107, 2002.

SOUSA, J. M.; COUTO, M. T. . Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife/PE, v. 15, p. 179-196, 1999.

_____. *Práticas políticas utilizadas para o controle do poder em Malta-PB*. *Política Hoje / UFPE*. Recife/PE, v. 4, p. 101-122, 1997.

_____. *Discussão em torno do conceito de coronelismo*. **Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ)**, Recife/PE, v. 11, p. 321-335, 1995.

_____. **O sertão em memórias da infância**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

_____. *A boniteza de ser professor*. In: SOUSA, Cidoval M.. (Cord.). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar 1**. Campina Grande: EDUEPB / A UNIÃO, 2021.

_____. Pertencimento à esperança. IN: **Revista Estudos Universitários** da UFPE, v. 38, p. 535-538, 2021.

_____. (Org.) **Dossiê: o golpe de 2016 e o futuro da democracia**. REVISTA CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE, v. II, 2019.

_____. **10 Crônicas sertanejas**. Recife: Editora UFPE, 2017.

_____. **Arte de sonhar e viver**. Diário de Pernambuco, 23/03/2013.

VILAÇA, M. V. R. e ALBUQUERQUE, R. C.. **Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btn7E8yYvaM>, 2008. Acesso em: 23 de fevereiro 2023.

APÊNDICE A – SÍNTESE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Nesse item, tomei como base o Currículo Lattes e selecionei atividades de pesquisa, administração, de ensino e de extensão. Além de publicações diversas, participação e organização de eventos, congressos, exposições, feiras e homenagens. Também participações em bancas de concursos, trabalhos de conclusão de curso, orientações e funções administrativas. E por último as comprovações.

Atividades de pesquisa

No que tange as atividades de pesquisa destaco o projeto que venho coordenando desde 2018, intitulado: “Manifestações culturais populares na relação com o poder público e a perspectiva furtadiana de desenvolvimento cultural”. Ele vem sendo desenvolvido no âmbito dos grupos de pesquisa GECIC (Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Contemporaneidade) e do GIERSE (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Representações Sociais e Educação). Um dos objetivos da pesquisa é investigar os saberes e fazeres da cultura popular pernambucana e sua relação com o poder público, incluindo diversas manifestações, como Maracatu, Capoeira, Coco e Ciranda, em torno das questões de identidade, patrimônio cultural e cidadania. Outro objetivo é analisar a valorização das culturas populares a partir da perspectiva furtadiana de desenvolvimento cultural. Um terceiro é compreender os limites e possibilidades do poder público, enquanto polo de fomento e interlocução com os movimentos populares e refletir criticamente sobre a construção de políticas públicas, na área da economia da cultura e do turismo, para promover e integrar saberes populares e acadêmicos, promovendo a autoestima e o exercício da cidadania de adolescentes e jovens em vulnerabilidade social, participantes destes movimentos no litoral norte de Pernambuco. Por último, o projeto objetiva, ainda, analisar a importância do pertencimento artístico-cultural para o fortalecimento das manifestações estudadas. O projeto tem rendido algumas publicações e orientações.

O projeto acima se desenvolveu a partir de outro projeto de pesquisa desenvolvido no período de 2014 a 2018, intitulado "Cultura popular e cidadania na

relação universidade e comunidades populares". Este projeto visou investigar a UFRPE e sua relação com os saberes e fazeres da cultura popular pernambucana, incluindo diversas manifestações (Maracatu, Afoxé, Capoeira, Coco, Cavalo-marinho, Frevo e Ciranda) em torno da discussão sobre as questões de identidade, patrimônio imaterial, direitos, democracia, formação, cidadania e religiosidade. A perspectiva foi compreender os limites e possibilidades da Universidade, enquanto polo de interlocução com a comunidade e como foram fortalecidos e criados laços de inteiração e pertencimento para integrar, através da cultura popular, saberes populares e acadêmicos, promovendo o exercício da cidadania de adolescentes e jovens em vulnerabilidade social, residentes no Córrego da Fortuna, Sítio São Braz, Sítio dos Pintos e Vila Felicidade (entorno da UFRPE/Sede) e das comunidades Beira Mar I, Beira Mar II e do Rosário em Igarassu/PE. O projeto pretendeu, ainda, servir como instrumento de reflexão crítica sobre o potencial da universidade em dialogar com movimentos culturais dessas comunidades, fortalecendo sua sustentabilidade e a preservação da diversidade cultural dessas manifestações.

Outro projeto que coordenei no período de 2007 a 2011 foi o que investigou o impacto de práticas de educação ambiental no ecossistema de manguezais na comunidade de São Bento em Abreu e Lima/PE.

E finalmente registro o esperançoso projeto desenvolvido no período de 2006 a 2008 que teve como objetivo principal investigar ações afirmativas voltadas para os estudantes negros, mulheres, homossexuais, pessoas com deficiência e índios na UFRPE. A pesquisa foi realizada também no âmbito da extensão dentro do Programa Conexão de Saberes, pelo Grupo de Estudos Minorias.

Atividades de extensão

Registro aqui algumas atividades de extensão que coordenei durante minha trajetória na UFRPE. Afirmando que em todos os períodos da minha vivência acadêmica na UFRPE nunca deixei de coordenar atividades de extensão pelos motivos já expostos quando me referi à concepção de universidade e ao princípio constitucional 207 que fala da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Começo pelo esperançoso projeto que se encontra em execução, intitulado, "Cultura, cidadania, educação patrimonial e ambiental para adolescentes e jovens da

Região Metropolitana Norte do Recife (Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Itapissuma e Itamaracá)”, e tem como objetivo trabalhar na perspectiva de criar condições para que os adolescentes e jovens, da Escola Técnica Jurandir Bezerra Lins, em Igarassu, do 1º ao 3º ano, possam desenvolver uma consciência crítica comprometida com a cultura popular, a preservação do patrimônio artístico cultural e do ecossistema de manguezais.

O projeto acima foi inspirado em outros projetos que vem sendo aprovados nos editais de bolsas de extensão (BEXT) da UFRPE desde 2013. Destaque para o intitulado: “Cultura, cidadania e educação ambiental para crianças e adolescentes de Igarassu/PE” que objetivou trabalhar na perspectiva de criar condições para que crianças e adolescentes, estudantes de duas escolas públicas das Comunidades Beira Mar I e II (Igarassu) pudessem desenvolver uma consciência crítica comprometida com cultura popular e a preservação do ecossistema de manguezais, tendo a participação e a educação ambiental como ferramentas principais. Para tanto, o projeto partiu de um diagnóstico participativo para identificar os problemas de degradação ambiental na comunidade no que tange ao tratamento e disposição do lixo. Buscou também detectar as condições das moradias e de valorização da área local. Por fim, o projeto buscou despertar nos participantes o gosto pela arte e pela cultura no sentido de fortalecer laços de interação e pertencimento, bem como estimulá-los para a participação em atividades culturais e ambientais, promovendo a cidadania e inclusão social.

Outra esperançosa ação de extensão que coordenei ao lado de outros professores em 2018 foi o curso de extensão, já referido nesse memorial, intitulado: “O Golpe de 2016 e o Futuro da Democracia no Brasil”. O curso assumiu o objetivo político e acadêmico de dialogar e compartilhar publicamente a posição de um grupo de professores da UFRPE sobre o golpe de 2016 que começa a se desenhar já nas “jornadas de junho de 2013” e ganhou força com a retirada de Dilma Rousseff do poder. Foi se consolidando com a imposição de uma agenda neoliberal que retirou direitos e muitas outras conquistas sociais, mediante a aprovação de medidas como a PEC do teto dos gastos, a reforma trabalhista e a reforma da previdência. Também com o intenso processo de desmantelamento, privatização e desnacionalização do patrimônio nacional, a exemplo da Petrobrás. Assim, temáticas como as que seguem ajudaram a compreender a essência do golpe: reformas neoliberais e a agenda de retrocesso; a destruição dos direitos; o ataque à CLT; racismo, desigualdades

raciais; e direitos humanos, políticas públicas e educação no pós-golpe. O curso foi desenvolvido em encontros semanais, em forma de seminários, palestras, mesas redondas e rodas de diálogos. E se destinou a um público de discentes, professores, técnicos, de movimentos sociais e representantes de ONGs e Organizações Sindicais.

Outro pertencido projeto de extensão desenvolvido e que merece registro nesse memorial foi o “SEMEARTE”. Ele foi aprovado nos editais BEXT de 2011 a 2015. Coordenei juntamente com Elizama Maria Ferreira de Araújo Bandeira. Destinou-se a integrar arte, cultura e comunicação a serviço da comunidade. Um dos objetivos foi oportunizar a criação de espaços dentro e fora da UFRPE para a elaboração e execução de atividades, eventos e ações voltados à valorização/propagação da arte e da cultura num âmbito geral, além de estreitar laços entre o mundo acadêmico e as comunidades circunvizinhas. Outro objetivo foi revelar talentos e semear cultura através da propagação de variadas formas da nossa expressão cultural por meio de exposições, oficinas, cursos e palestras voltadas para discentes, docentes, técnicos administrativos e a comunidade do entorno. O projeto também valorizou o compartilhamento de experiências e saberes entre seus integrantes, sobretudo no que se referiu a valores fundamentais, como: inclusão social, educação ambiental, respeito à diversidade e reconhecimento da importância da arte. O projeto promoveu diversas atividades de forma itinerante por toda UFRPE.

Destaco, ainda, uma importante atividade de extensão desenvolvida e que elenco nessa descrição, o Programa intitulado: “Música, Arte e Cultura na UFRPE: musicalidade em favor da diversidade cultural”, em 2012 e 2013, que coordenei com o professor Alexandro Tenório Cardoso. O programa objetivou democratizar saberes e práticas acerca da cultura, da música e arte brasileira em consonância com as políticas públicas do Programa Identidade e Diversidade Cultural: Brasil Plural do Ministério da Cultura, incluindo diversos segmentos socialmente vulneráveis como, afro-brasileiro, indígena e nipo-brasileiro, permitindo estudos e discussões dentro e fora da universidade para trocar saberes e fazeres da cultura popular pernambucana, incluindo a discussão em tornas das questões de: identidade, patrimônio imaterial, cultura popular, direitos, democracia, cidadania e religiosidade. A perspectiva foi promover a autoestima e o exercício da cidadania de adolescentes e jovens em vulnerabilidade social do Córrego da Fortuna, Sítio São Braz, Sítio dos

Pintos e Vila Felicidade (entorno da UFRPE/Sede), através de oficinas, seminários e rodas de diálogos. O programa pretendeu ainda contribuir com o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais ao mapear equipamentos culturais.

Finalizo essa seção mencionando outras atividades de extensão que merecem registro nesse memorial. A primeira foi a exposição, incluída dentro das comemorações dos 100 anos da UFRPE, que homenageou o centenário de Luiz Gonzaga, retratando a arte e a cultura do Rei do Baião, que coordenei juntamente com o servidor José Rodrigues. A segunda atividade, coordenei novamente com José Rodrigues, foi a exposição em homenagem ao Frevo (Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade), intitulada, “Carnaval é Evoé”, assinada pelo artista Glauco Guimarães. A exposição contou com os elementos da discografia do frevo em Pernambuco, estandartes, fotografias, vídeos e imagens.

Por último que lembrar minha participação no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras no período de 2007 a 2014. Durante esse tempo participei de todos os Fóruns Nacionais e também dos da Regional Nordeste, atuando na área temática da cultura como o representante do Fórum da Regional Nordeste. Selecionei outras participações como coordenador, orientador e avaliador que estão nas comprovações.

Atividades de ensino

Antes de entrar na UFRPE lecionei na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO) e na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu (FACIG). No período de 2002 a 2006 ministrei na FACHO as disciplinas, Sociologia do Turismo e do Lazer e Antropologia Cultural e Folclore para o curso de Turismo. Para os cursos de Letras e Pedagogia lecionei Sociologia Geral. Na FACIG ensinei nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Licenciatura em Matemática, Pedagogia e Direito. As principais disciplinas ministradas foram: Introdução à Sociologia, Filosofia, Metodologia Científica, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação. Na Pós-Graduação Lato Sensu, atuei em alguns cursos e as principais disciplinas ministradas foram: Metodologia da Investigação Científica, Metodologia do Estudo e do Trabalho Científico, Metodologia do Ensino, Sociologia do Turismo e Patrimônio Histórico-Cultural. Desde 2010 colaboro com o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional

(Mestrado) da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – e tenho ministrado as disciplinas Sociologia do Turismo e Turismo, Desenvolvimento e Cultura. Com relação às disciplinas que ministrei na UFRPE já fiz referência no item 9 desse memorial. Elas estão listadas nas comprovações.

Formação acadêmica

- Pós-Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba, em 2021.
- Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, em 2001.
- Mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1995.
- Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, em 1992.

Gestão acadêmica e administrativa

Elenco aqui algumas funções de gestão acadêmica e administrativa que assumi durante minha trajetória. Nas comprovações selecionei parte da minha participação em diversas Comissões, em Colegiados de Coordenação Didática, em CTA e em processos seletivos e avaliativos diversos.

- Atual Coordenador do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, biênio 2023/2025.
- Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, no período de 2010 a 2015.
- Coordenador de Educação Continuada da Pró-Reitoria de Extensão da UFRPE (Substituto Eventual do(a) Pró-Reitor(a)), no Período de 2009 a 2014.
- Coordenador dos Cursos de Especialização I e II de Educação Integral, Cidadania e Inclusão Social da UFRPE, no período de 2010 a 2011.
- Coordenador de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFRPE, no período de 2007 a 2009.
- Coordenador da Comissão Própria de Avaliação da UFRPE, no período de 2011 e 2012.
- Secretário de Turismo e Cultura de Igarassu/PE, no período de 2015 a 2016.
- Presidente da Associação Universitária dos Professores da UFRPE (APUFRPE), no período de 2012 a 2014.
- Diretor Regional do Litoral Norte e Vice-Presidente da Associação dos Secretários de Turismo de Pernambuco - ASTUR/PE -, 2015 - 2016.
- Presidente da Academia Igarassuense de Cultura e Letras, no período de 2013 a 2016.

- Atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Igarassu, biênio 2022/2024.
- Supervisor da Área de Sociologia do DECISO em três momentos. O último terminou em março de 2023.

Artigos completos publicados em periódicos

Nesse item elenco publicações em diferentes revistas sobre temáticas diversas: desenvolvimento, cultura popular, meio ambiente, cidadania, educação integral, turismo, poder local, coronelismo e os clássicos da sociologia.

- SOUSA, João Morais de; MAIA, Tiago M. B.. Arranjos produtivos locais à luz da sociologia econômica de Mark Granovetter: heterodoxia e teoria de redes sociais. NORUS - Novos Rumos Sociológicos, v. 10, P. 180- 202, 2022; <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/sociologicos/article/view/2208>.
- MAIA, Tiago Macedo Bezerra ; SOUSA, J. M. ; MORAES FILHO, R. A. . A cultura popular afro-brasileira e a gestão pública em Pernambuco: estudo de caso do maracatu nação estrela brilhante de Igarassu. Revista científica da Universidade Técnica de Moçambique (UDM), v. 2, p. 5, 2022.
- SOUSA, João Morais de. Pertencimento à esperança. ESTUDOS UNIVERSITARIOS, v. 38, p. 535-538, 2021; <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosuniversitarios/issue/view/3194/showToc>.
- MAIA, T. M. B.; SOUSA, J. M. . Reflexões sobre a cultura no pensamento social de Celso Furtado e na construção do método histórico-estrutural: um diálogo com a Sociologia e a Antropologia. INTELLECTUS (UERJ. ONLINE), v. 19, p. 79-104, 2020; <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/52742>.
- SILVA, Natália Maria da; ALBUQUERQUE, José de Lima; MORAES FILHO, Rodolfo Araújo de; SOUSA, João Morais de; MARINHO, Giovanni Giuseppe da Nobrega. Gestão Democrática Escolar: Conquistas e Desafios em uma Escola Pública de Pernambuco / Democratic School Management: Achievements and Challenges in a Public School in Pernambuco. ID ONLINE. REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 14, p. 661-677, 2020; <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2893>.
- SOUSA, J. M.; SOUSA, Cidoval M. . Relatos sobre o curso o golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil. REVISTA CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE, v. II, p. 84-92, 2019; <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/2556>.
- PAPES, A. C. S.; SOUSA, J. M. . Cabaceiras: A Cidade Turística no Cariri da Paraíba. Informe GEPEC (Online), v. 15, p. 118-133, 2012; <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/6000>.
- SOUSA, J. M.. Mudança social e globalização.. Travessia, Recife, p. 173-178, 2005.

- SOUSA, J. M.; CABRAL, Maria de Fátima Neves. Perfil do turista da cidade de Olinda, fevereiro de 2005.. Travessia (São Paulo), Recife, p. 87-99, 2005.
- SOUSA, J. M.. Turismo e Lazer Sustentáveis: Discussão Conceitual. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, Universidade de Taubaté, v. 1, nº 2, 2005; <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/70>.
- SOUSA, J. M.. Relato de uma experiência sobre a condução e conteúdo da disciplina sociologia do turismo e do lazer. Travessia, Recife, p. 103-112, 2004.
- SOUSA, J. M.; NASCIMENTO, Paula Silva. . Em busca de uma definição sociológica para o turismo.. Com Texto, Recife, p. 51-57, 2004.
- SOUSA, J. M.. O individualismo metodológico de Marx: notas sobre O 18 Brumário.. Travessia (São Paulo), Recife, p. 113-124, 2003.
- SOUSA, J. M.. Discussão e atualidade do instrumental teórico- metodológico de Durkheim.. Travessia (São Paulo), p. 95-107, 2002.
- SOUSA, J. M.; COUTO, M. T. . Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica. Cadernos de Estudos Sociais, Recife/PE, v. 15, p. 179-196, 1999; <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1238>.
- SOUSA, J. M.. Práticas políticas utilizadas para o controle do poder em Malta-PB. Política Hoje (UFPE. Impresso), Recife/PE, v. 4, p. 101-122, 1997.
- SOUSA, J. M.. Discussão em torno do conceito de coronelismo. Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ), Recife/PE, v. 11, p. 321-335, 1995; <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1174>.

Livros publicados/organizados ou edições

No que tange aos livros publicados/organizados as temáticas também são diversas. Estão presentes o universo do sertão, das secas, das manifestações da cultura popular, do repente e das ciências sociais.

- PAULA, A. M. R. (Org.); SOUSA, J. M. (Org.); AMORIM, M. M. T. (Org.). **Diálogos interdisciplinares em desenvolvimento**. 1. ed. Campina Grande: Eduepb, 2022.
- SILVA, Rejane. D. (Org.); FREITAS, V. L. C. (Org.); SOUSA, J. M. (Org.). **Educação, formação docente e cultura: diálogos na perspectiva da teoria das representações sociais**. 1. ed. Curitiba/PR: Editora CRV, 2019.
- SOUSA, J. M.. **10 Crônicas Sertanejas**. 1ª. ed. Recife: Editora UFPE, 2017.
- ZARZAR, Andrea L. B. (Org.); SOUSA, J. M. (Org.); BENZAQUEN, J. F. (Org.) .**VII Semana de Ciências Sociais da UFRPE**. 2. ed. Recife: EDUFRPE, 2017.
- SOUSA, J. M.; MADUREIRA, Izabella N. M. (Org.); SILVA, Rejane. D. (Org.). **Igarassu em cores e versos IV**. 1. ed. Recife: Editora UFRPE, 2017.
- SOUSA, J. M.; MADUREIRA, Izabella N. M. (Org.); ASSEKER, A. (Org.).
- **Igarassu em Cores e Versos III**. 1ª. ed. Recife: Editora UFRPE, 2015.
- SOUSA, J. M.; CALLENDER, D. G. (Org.) ; MELO, F. F. (Org.) ; SOUZA, A. (Org.) . **Igarassu em versos**. 1ª. ed. Recife: EDUFRPE, 2014.

- SOUSA, J. M.. **O sertão em memórias da infância**. 1ª. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- SOUSA, J. M.; SILVA, Marcia K. (Org.). **As Ciências Sociais em Perspectiva**. Recife: Editora da UFRPE (EDU), 2011.
- SOUSA, J. M.. **Pedro Costa: uma vida dedicada a cultura de Igarassu**. Recife: Editora da UFRPE, 2011.
- SOUSA, J. M. (Org.) **Contos e poesias da UFRPE: 2º Concurso**. Recife: Editora da UFRPE, 2010.
- LOPES, Rogério R. (Org.); SOUSA, J. M. (Org.). **A natureza na voz dos cantadores**. 1ª ed. Recife: editora da UFRPE, 2009.
- SOUSA, J. M.. **Contos e poesias da UFRPE: 1º CONCURSO**. Recife: Editora da UFRPE, 2008.
- SOUSA, J. M.. **O roçado**. 1º ed. Recife: EDUFRPE, 2007.
- SOUSA, J. M.. **O baile de camarada onça e outras histórias**. 1º. ed. Recife: Bagaço, 2005.
- SOUSA, J. M.. **Memórias da seca - o ano que não quis passar**. 1ª. ed. Taubaté/SP: Cabral, 2004.

Capítulos de livros publicados

Os capítulos dos livros publicados abordam temáticas relacionadas ao universo das desigualdades, do consumo, da educação, da cultura popular, do desenvolvimento e do poder local. Ainda trazem reflexões sobre o pensamento de Paulo Freire e de Celso Furtado.

- SOUSA, J. M.; SOUSA, C. M.. *Notas sobre a crise civilizatória: consumo e desigualdades*. In: BUTTO, Andrea; PAULA JR, Josias de; LEITÃO, Maria do Rosário de F. A.; AQUINO, Rosa Maria de (Orgs.). **Ciência, identidades e relações de gênero**. Campina Grande, EDUEPB, 2023.
- MAIA, T. M. B. ; SOUSA, J. M. . Heterodoxia e interdisciplinaridade no pensamento e no método de Celso Furtado: novos caminhos para a compreensão do (sub) desenvolvimento. In: Andréa Maria Narciso Rocha de Paula; João Morais de Sousa; Mônica Maria Teixeira Amorim. (Org.). **Diálogos interdisciplinares em desenvolvimento**. 1ª ed. Campina Grande: EDUEPB, 2022.
- SOUSA, J. M.. A boniteza de ser professor. In: Cidoval Morais de Sousa (Coordenação). (Org.). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar**. 1ª ed. Campina Grande: Eduepb e Editora União, 2021. V.1.
- MAIA, T. M. B. ; TORRES, M. E. A. ; SOUSA, J. M. . (Re)existência e tradição na cultura popular negra de pernambuco: o que falam as vozes do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu à luz da teoria das representações sociais?. In: MOREIRA, R.M. ET al (Orgs). (Org.). **Representações sociais na contemporaneidade**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2021.

- SOUSA, J. M.. Pertencimento a Paulo Freire. In: Cidoval Moraes de Sousa (Coordenação). (Org.). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar**. 1ª ed. João Pessoa: UNIÃO / EDUEPB, 2021, V. 3.
- SOUSA, J. M.; AZEVEDO, A. C. . Celso Furtado: Tânia Bacelar; Um intelectual com o pé no chão. In: Cidoval Moraes de Sousa; Ivo Marcos Theis; José Luciano Albino Barbosa. (Org.). **Celso Furtado: a esperança militante (Depoimentos)**. 1ª ed. João Pessoa: UNIÃO / EDUEPB, 2020, V. 2.
- SOUSA, J. M.. O Nordeste e um instrumento de desenvolvimento regional. In: Cidoval Moraes de Sousa; Ivo Marcos Theis; Luciano Albino Barbosa. (Org.). **Celso Furtado: a esperança militante (Depoimentos)**. 1ª ed. João Pessoa: UNIÃO / EDUEPB, 2020, V. 2.
- MAIA, T. M. B. ; SOUSA, J. M. . Celso Furtado, o (sub) desenvolvimento numa perspectiva cultural e a criatividade nos Maracatus Nação de Pernambuco. In: Cidoval Moraes de Sousa; Ivo Marcos Theis; José Luciano Albino Barbosa. (Org.). **Celso Furtado: a esperança militante (Desafios)**. 1ª ed. João Pessoa: UNIÃO / EDUEPB, 2020, V. 3.
- SILVA, N. M. ; ALBUQUERQUE, J. L. ; MORAES FILHO, R. A. ; SOUSA, J. M. Gestão democrática escolar: conquistas e desafios em uma escola pública de Pernambuco. In: Suzana Ferreira Paulino Domingos; Ivanda Maria Martins Silva. (Org.). **Educação à distância e tecnologias no contexto de pós-graduação**. 1ª ed. Recife: EDUFRPE, 2020.
- SOUSA, J. M.; MAIA, Tiago M. B.. Contribuições da teoria das representações sociais e da teoria antropológica interpretativa para a compreensão dos símbolos da resistência religiosa afro-brasileira no maracatu-nação em Pernambuco. In: Rejane Dias da Silva; Vera Lúcia Chalegre de Freitas; João Moraes de Sousa. (Org.). **Educação, formação docente e cultura: diálogos na perspectiva da teoria das representações sociais**. 1ª ed. Curitiba/PR: Editora CRV, 2019.
- SOUSA, J. M.. Escola de conselho: extensão e cidadania na UFRPE. In: Humberto Miranda. (Org.). **Escola de Conselhos de Pernambuco: extensão universitária e direitos da criança e do adolescente**. 1ª ed. Recife: Editora Liceu, 2013.
- SILVA, Rejane. D. ; SOUSA, J. M.. Cidadania educação e inclusão social. In: SOUSA, Moraes de Sousa(Org), SILVA, Marcia Karina da. (Org.). **As Ciências Sociais em Perspectiva**. RECIFE: EDITORA DA UFRPE 2011.
- SOUSA, J. M.. Uma visão crítica da condução e do conteúdo programático da disciplina sociologia do turismo e do lazer.. In: SOUSA, C. M.; CHAMON, E.M.Q.O.. (Org.). **Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais**. 1ª ed. Taubaté/SP: Cabral, 2006.

Textos em jornais de notícias/revistas

Os textos publicados em Jornais discorrem sobre o cotidiano do sertão, as relações de poder local, a sociedade do consumo, a cidadania, a participação política e as temáticas que envolvem a universidade no que se refere a extensão e seus impactos para a sociedade.

- SOUSA, J. M.. Lembrar é viver. Jornal do Grande Recife, Recife, mai., 2029.
- SOUSA, J. M.. **Laura VI.** Jornal do Grande Recife, Recife, fev., 2018.
- SOUSA, J. M.. **Laura V.** Jornal do Grande Recife, Recife, jan., 2018.
- SOUSA, J. M.. **Laura IV.** Jornal do Grande Recife, Recife, nov., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Laura III.** Jornal do Grande Recife, Recife, out., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Laura II.** Jornal do Grande Recife, Recife, ago., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Laura I.** Jornal do Grande Recife, Recife, jul., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Lembranças doídas.** Jornal do Grande Recife, Recife, jun., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Miguelzinho.** Jornal do Grande Recife, Recife, abr., 2017.
- SOUSA, J. M.. **Pertencer a Igarassu.** Jornal do Grande Recife, Recife, mar., 2017.
- SOUSA, J. M.. **O consumo, as redes sociais e a amizade.** Jornal Grande Recife, Recife, Jan., 2016.
- SOUSA, J. M.. **Quincas.** Jornal do Grande Recife, Recife, ago., 2015.
- SOUSA, J. M.. **As jaçanãs.** Jornal do Grande Recife, Recife, fev., 2015.
- SOUSA, J. M.. **A árvore da Serra.** Jornal do Grande Recife, Recife, mai., 2015.
- SOUSA, J. M.. **Igarassu.** Jornal do Grande Recife, Recife, dez., 2014.
- SOUSA, J. M.. **Academia Igarassuense de Cultura e Letras.** Jornal Grande Recife, Recife, Jun., 2014.
- SOUSA, J. M.. **Tico de Bigobal.** Jornal Grande Recife, Recife, mar., 2014.
- SOUSA, J. M.. **Dona Olga: estrela do maracatu.** Jornal Grande Recife, Recife, dez, 2013.
- SOUSA, J. M.. **Lourival Paixão.** Jornal Grande Recife, Recife, nov., 2013.
- SOUSA, J. M.. **Zé de Raimunda.** Jornal Grande Recife, Recife, out., 2013.
- SOUSA, J. M.. **Chico de Tonha.** Jornal Grande Recife, Recife, set., 2013.
- SOUSA, J. M.. **Biu de Nenen.** Jornal Grande Recife, Recife, 22 jul., 2013.
- SOUSA, J. M.. **A Cumbuca de sal.** Jornal Grande Recife, Recife, mai., 2013.
- SOUSA, J. M.. **Arte de sonhar e viver.** Diário De Pernambuco, Recife, mar., 2013.
- SOUSA, J. M.. **Rita e o Forró.** Jornal do Grande Recife, Recife, dez., 2012.
- SOUSA, J. M.. **Desafios da extensão universitária.** Diário de Pernambuco, Recife, mai., 2012.
- SOUSA, J. M.. **O descrente Jorival.** Jornal do Grande Recife, Recife, mai., 2012.
- SOUSA, J. M.. **Universidade e produtivismo acadêmico.** Diário De Pernambuco, mar., 2012.
- SOUSA, J. M.. **UFRPE: desafios e esperanças.** DIÁRIO DE PERNAMBUCO, RECIFE, dez., 2011.
- SOUSA, J. M.. **Itamaracá: encantos e esperanças.** Jornal Do Grande Recife, Recife, ago., 2011.
- SOUSA, J. M.. **O potencial turístico de Igarassu.** Jornal do Grande Recife, Recife, mai., 2011.
- SOUSA, J. M.. **Sociedade do consumo.** Diário de Pernambuco, jul., 2010.
- SOUSA, J. M.. **Extensão universitária e cidadania.** Diário De Pernambuco, jul., 2009.
- SOUSA, J. M.. **Educação e inclusão.** Diário de Pernambuco, fev., 2009.

- SOUSA, J. M.. **Esperança, participação e cidadania**. Folha De Pernambuco, Recife, jul., 2007.
- SOUSA, J. M.. **Esperança e educação**. Folha de Pernambuco, jun., 2007.

Apresentações de trabalhos, palestras, coordenações e participações em grupos de trabalho, mesas, comunicações orais, exposições e minicursos.

Seguem registros de palestras, comunicações e trabalhos apresentados em congressos, seminários, encontros, simpósios, colóquios e jornadas científicas. Selecionei outros registros que aparecem somente nas comprovações.

- Apresentei o trabalho, “Oportunização do conhecimento para a transformação social: ações socioeducativas em comunidades igarassuenses”, com Marcela Camila Viana de Carvalho e Natasha Hevelyn Oliveira da Silva, no IV Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular, no período de 8 a 10 de junho de 2022.
- Participei da atividade cultural intitulada, Cantoria Nordestina, no *V Encontro Nacional em Soberania Nacional e Segurança Alimentar e Nutricional – ENPSSAN*. No dia 08 de junho de 2022.
- Fiz apresentação cultural, intitulada, “Pertencimento à esperança”, na abertura do XI Seminário Paulo Freire | IX ENCONTRO de Cátedras e Grupos Paulo Freire, Realizada na Universidade Federal de Pernambuco, no dia 04 de maio de 2022.
- Apresentei palestra intitulada, “Poemas de Cordel”, no VIII LECID - Simpósio de Letramentos para a Cidadania, promovida pelo PET Conexões Práticas de Letramento / UFRPE, no dia 24 de novembro de 2021.
- Participei do Momento Cultural Betinho, no 1º Encontro Regional Nordeste de Redes em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, realizado no dia 20 de outubro de 2021 (de forma remota).
- Apresentei o trabalho intitulado, “Cultura, cidadania e educação ambiental para crianças e adolescentes de Igarassu”, com Marcela Camila Viana de Carvalho e Natasha Hevelyn Oliveira da Silva, no XIX Congresso de Extensão (CONEX) da UFRPE, entre os dias 19 e 22 de outubro de 2021 (de forma remota).
- Fiz apresentação artístico-cultural na aula aberta em homenagem aos
- 100 anos de nascimento de Paulo Freire, intitulada, “O pensamento político-pedagógico de Paulo Freire”, realizado pela Cátedra Paulo Freire da Universidade Federal de Pernambuco, no dia 29 de julho de 2021.
- Fiz palestra no Colóquio Cultural, intitulado: “Um passeio pelas festas populares do Nordeste do Brasil”. Promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Igarassu, no seu aniversário de 68 anos de Fundação. Em 23 de maio de 2021.

- Participei na condição de debatedor, da roda de diálogo no lançamento do mini-doc do projeto Na rota do coco: caminhos e tradições do coco de roda em Igarassu: aprovado no âmbito da Lei Aldir Blanc, intitulado: “Coco de Itapuã”. no dia 20 de março de 2021.
- Participei na condição de debatedor, da roda de diálogo no lançamento do mini-doc do projeto Na rota do coco: caminhos e tradições do coco de roda em Igarassu: aprovado no âmbito da Lei Aldir Blanc, intitulado: “Coco de Olga” ocorrida em 13 de Março de 2021.
- Participei na condição de palestrante do lançamento do Projeto, Sambada de coco: Rala Maria no terreiro, aprovado no âmbito da Lei Aldir Blanc, pelo Grupo Cultural Rala Coco Maria. No dia 16/01/2021.
- Apresentei com Katia M. Santo o trabalho intitulado, “Cidadania, Cultura e Educação Ambiental para Crianças de Igarassu”, na XVII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE de 2017.
- Apresentei com Tiago M. B. Maia, o trabalho: “Manifestações Culturais Populares na Relação com a Universidade”, na XVII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE de 2017.
- Participei da mesa Redonda, intitulada, “Formação universitária: diálogos entre ensino, pesquisa e extensão”, na XVII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE de 2017.
- Apresentei o trabalho, “Sociedade de consumo e cidadania”, na Semana de Ciências da UFRPE de 2014.
- Apresentei o trabalho, “Cidadania, participação e educação”, na VII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE de 2007.
- Apresentei o trabalho, “Coronelismo: tendências teóricas”, no 13º CISO - Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste, realizado na UFAL, em Maceió, 2007.

Algumas homenagens recebidas

- Ordem do Mérito Jurandir Bezerra Lins. Concedida pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassu, em novembro de 2019.
- Título Honorário de Cidadão Igarassuense. Concedido pela Câmara Municipal de Igarassu, em dezembro de 2017.
- Cidadão Prata da Casa 2015. Concedida pela Instituição Ponto Cidadão de Igarassu, em março de 2015.

Participação em bancas, em eventos, congressos, exposições e feiras

Seguem um resumo quantitativo da minha participação em bancas de trabalhos de conclusão (na graduação e na pós-graduação), em comissões e bancas de concurso público. E, ainda, da minha participação em eventos, congressos, exposições e feiras.

Participação em bancas de Mestrado	11
Monografia de conclusão de curso de especialização	36
Trabalhos de conclusão de curso de graduação	95
Participação em bancas de comissões julgadoras de concurso público	24
Participação em comissões de eventos, congressos, exposições e feiras	52

Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

Durante essa minha vivência acadêmica na UFRPE, participei da organização de vários eventos, congressos, seminários, simpósios, exposições, feiras e encontros. Estou citando alguns e esclarecendo: os que ficaram de fora não são menos importantes. Outros estão nas comprovações. O objetivo é apresentar um pouco da minha participação nessas áreas.

- IX Semana de Ciências Sociais, em 2022.
- Projeto Editorial 100 anos de Celso Furtado, na UEPB, 2020.
- VII Semana de Ciências Sociais da UFRPE, em 2017.
- IV Seminário do Conexões de Saberes na UFRPE. em, 2011.
- A Reforma das Licenciaturas e o Estágio na Formação do Professor: desafios e possibilidades, em 2011.
- 70ª Exposição Nordestina de Animais e produtos derivados do Cordeiro (Stand da UFRPE), em 2011.
- II Congresso Nordestino de Extensão Universitária (II CNEU), em 2010.
- 14º Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste (CISO), em 2009.
- I ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS da UFRPE, em 2007.
- Mostra de filmes e documentários da UFRPE, em 2007.
- Mostra de artes visuais da escola municipal Sociólogo Gilberto Freire: um estudo sobre os autos natalinos de origem Ibérica em Pernambuco, em 2007.
- VII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (JEPEX) da UFRPE, em 2007.

Orientações e supervisões

Segue um resumo quantitativo das minhas orientações na Iniciação científica, na extensão e em trabalhos de conclusão de curso na graduação e na pós-graduação. Também tenho orientado estudantes em programas como o de Bolsas de Incentivo Acadêmico – BIA.

Orientações e supervisões concluídas	Quantidade de Estudantes
Programas, projetos, bolsas e outras atividades de extensão.	48
Dissertação de mestrado	02
Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento /especialização	21
Trabalho de conclusão de curso de graduação	55
Programas de Iniciação Científica (PIBIC/PIC)	13
Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico – BIA	05